VIDA MUNDANA

DE UM

FRADE VIRTUOSO

ALBERTO PIMENTEL

VIDA MUNDANA

DE UM

FRADE VIRTUOSO

(PERFIL HISTORICO DO SECULO XVII)

«O coração é principio da vida, por isso é necessario, que quem ha de fazer nova vida, faça um novo coração...»

Frei Antonio das Chagas—*Praticas espirituaes*.

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1889

I

O CAPITÃO «BONINA»

> **«Acabáram aquelles annos em flôr, mas cada dia vemos que as flôres acabam, a dita é acabar bem; que as felicidades da alma não consistem nos poucos, ou muitos annos da vida, senão no acerto do fim.»**
>
> **Frei Antonio das Chagas.**—***Cartas espirituaes.***

Aquelle que teve no seculo o nome de Antonio da Fonseca Soares, e na religião o de frei Antonio das Chagas, nasceu na villa da Vidigueira a 25 de junho de 1631.[1]

Sua mãe, Helena Elvira de Zuniga, posto que de origem castelhana, era natural da Irlanda.

Como se sabe, as luctas entre os catholicos da Irlanda e os protestantes de Inglaterra acirra-

[1] Sabe-se a que hora nasceu, não porque o digam biogra-

ram-se sangrentamente no reinado de Carlos I: os irlandezes trucidaram doze mil protestantes. Cromwell tirou d'esse morticinio uma vingança terrivel; fez á Irlanda uma guerra d'exterminio. D. Terencio de Zuñiga, pai de Helena, empenhado na guerra religiosa, quiz subtrair a filha á possibilidade de represalias deshumanas, e enviou-a para um paiz catholico, onde podesse viver com segurança e tranquillidade. Elle ficou. Helena de Zuniga veio para Portugal, e teve a felicidade de encontrar aqui a protecção da condessa da Vidigueira, D. Leonor Coutinho, que a casou com o doutor Antonio Soares de Figueiroa.

Sete semanas depois do nascimento d'este filho, que não era o primogenito, foi o dr. Antonio Soares de Figueiroa provido na judicatura de Villa-Nova de Portimão.

No Algarve, Antonio da Fonseca, ainda na puericia, aprendeu a ler e escrever. Mas, attingindo idade propria para proseguir no estudo das humanidades, foi enviado a Evora, onde com somenos applicação cursou as aulas de latim e philosophia.

phos, mas porque o revela elle mesmo no principio de uma carta: «São trez, para quatro da madrugada, hora e dia em que nasci para o mundo, e quizera renascer para Deus, depois de tantos annos miseravelmente gastados, e esperdiçados, e perdidamente vividos...»

A carta tem a data de 25 de junho, sem menção de anno.

A sua predilecção era para a carreira das armas. Os compendios escolares enfastiavam-n'o tanto, quanto a vida do exercito lhe sorria tentadora.

Aos dezoito annos recebeu a noticia da morte do pai, e teve que recolher com a mãe e os irmãos á Vidigueira.

Se hoje visitarmos esta villa do Alemtejo, pittoresca posto que solitaria, poderemos ainda fazer ideia do que seria a mocidade de Antonio da Fonseca Soares apertada n'esse estreito circulo de aventuras galantes. Deviam dar brado n'uma pequena villa de provincia os dezoito annos de tão irrequieto moço, cujo animo pendia para a desenvoltura da vida militar. Demais a mais corriam nas veias das mulheres da Vidigueira globulos ricos de sangue minhoto, pois que mestre Thomé, thesoureiro da sé de Braga, a quem a villa fôra dada para que promovesse a sua colonisação, povoara-a com gente que trouxera de Braga e de outras comarcas limitrophes. Quero dizer que as moças da Vidigueira seriam acirrantes de polpudas carnes e bellas côres, — magnifico aperitivo para uns dezoito annos aventurosos.

Parece que um homicidio, que Antonio da Fonseca Soares commettera na Vidigueira, teria origem na concorrencia amorosa aos favores de alguma das moçoilas plethoricas de sangue minhoto. Que

foi um repto a causa do homicidio, deprehende-se das palavras do seu biographo padre Manoel Godinho. Referindo-se ao crime, escreve Godinho que Antonio da Fonseca Soares tivera a *defesa de desafiado*. Canaes, nos *Estudos biographicos,* diz a coisa por claro. Fonseca batera-se, pois, com um adversario.

Os duellos estiveram em moda durante o seculo XVII. A moda chegou a excesso de loucura. Sahiu uma pragmatica reprimindo o abuso. Mas o auctor das *Monstruosidades do tempo e da fortuna* duvidava de que a pragmatica fosse cumprida, *que bem antiga lei é a que prohibe os desafios, e não se poz em execução, que bem disse o outro discreto, que as leis eram teias de aranha em que se prendiam moscas, e nunca ficavam aves, porque estas rompem a rede, para ellas fraca, e aquellas que por fracas não rompem, ficam.*

O filho do conde do Prado e seu cunhado o conde da Atalaya foram os primeiros que infringiram a pragmatica dos desafios.

No livro das *Monstruosidades* enxameam noticias de duellos por motivos frivolos, mas avulta o perfil de um duellista famoso, D. João de Castro se chamava elle, que uma vez, por amor de uma comediante, desafiou toda a cidade de Sevilha, e de outra vez, tambem em Castella, desafiou todos quantos castelhanos assistiam á representação de

uma comedia, em que D. João IV figurava não como rei, mas simplesmente como duque de Bragança. Este D. João de Castro é um verdadeiro D. Quichote do seculo XVII, que bem merecia encontrar um novo Cervantes.

Antonio da Fonseca homisiou-se em Moura, e ahi, onde n'aquelle tempo estava mais activa a guerra entre Portugal e Castella, sentou praça de soldado, cedendo á sua natural inclinação.

Moço, gentil e poeta, lançava-se na vida airada que os ocios da campanha ageitavam. Em tempo de guerra, o prestigio da farda sóbe de ponto, porque o engrandece a coragem nos combates. Antonio da Fonseca saboreou os gozos que a sua estrella e os ademans da sua pessoa lhe proporcionavam, mas ao cabo de dois ou tres annos embarcou para o Brazil na companhia de um desembargador seu parente, talvez por que as justiças da Vidigueira instassem pela condemnação do homicida.

Durante a viagem, sombras de melancolia, intermittencias de desalento entibiaram por vezes o animo do moço expatriado. Era natural que assim acontecesse nas horas em que o enxame alado de gratas recordações viesse ronflar as azas em torno do seu espirito saudoso. Diz-se que o piloto da nau lhe dera a ler um livro mystico, a vida de Santa Gertrudes, e que esse livro o impressioná-

ra. E' um ponto de vista falso, a meu vêr, como logo direi.

Terminada a viagem, os encantos de um paiz desconhecido excitaram-lhe a imaginação, que só ephemeramente havia abatido o vôo durante a travessia do oceano.

Recomeçára uma vida de prazeres que prostram o corpo e o espirito, e em que as intermittencias de cansaço e arrependimento não são raras. Fallaram-lhe em casar na Bahia; casamento de conveniencia, certamente. Refutou a proposta. Conhecia demasiadamente as mulheres para que um casamento de interesse lograsse tental-o.

Segundo o ponto de vista mystico do seu principal biographo, e de outros, foi em casa de um amigo, dos que o aconselhavam a casar-se, que Antonio da Fonseca encontrou as obras espirituaes de Frei Luiz de Granada. Abriu ao acaso. Leria o bastante para receber uma impressão mais forte do que aquella que a *Vida de Santa Gertrudes* lhe haveria produzido. Pediu ao amigo que lhe emprestasse o livro. Levou-o, meditou sobre as suas paginas, e o cansaço da vida mundana pareceu-lhe maior.

O bispo do Grão-Pará traz nas suas *Memorias* [1] a seguinte noticia:

[1] *Memorias de Frei João de S. Joseph Queiroz, bispo do Grão-Pará.* Publicadas em 1868 por C. Castello Branco.

«Este veneravel frade (frei Antonio das Chagas) foi muito amigo dos benedictinos entre os quaes esteve retirado quando matou um homem no Brazil, sendo soldado.»

O padre Manoel Godinho não falla d'este novo homicidio, se o houve; menciona apenas um. Não tendo occultado o primeiro, não ha razão plausivel para acceitar o proposito de occultar o segundo, tanto mais que a repetição do delicto tornaria ainda maior a conversão.

E' possivel que o bispo do Grão-Pará falseasse a noticia por incorrecção de syntaxe, e que sómente quizesse dizer — entre os quaes esteve retirado no Brazil quando matou um homem, sendo soldado.

Da convivencia de Antonio da Fonseca com os religiosos brazileiros, especialmente na Bahia, faz menção o padre Godinho. Bem podia ser que Antonio da Fonseca se acostasse aos benedictinos, que eram poderosos, para garantir a tolerancia das justiças da metrópole quanto ao crime de assassinio praticado em duello. Mas para director espiritual escolheu um padre da Companhia. Elle mesmo o diz em carta para a Bahia a um amigo: «... vá-se á Companhia, que assim o fiz eu, quando lá estive; tome um pai espiritual, que achará muitos, que zelam a salvação das almas, peça-lhe a instrucção ou conselho, etc.»

Defrontou-se Antonio da Fonseca Soares com a recordação dos seus erros e desvarios, e sorriu-lhe a ideia de uma rehabilitação que lhe podesse dar o ceu depois de haver gozado a terra. Os contrastes são sempre impressivos. Mas os gozos mundanos teem o que quer que seja de embriaguez: aborrecem depois que se libam copiosamente, e tentam de novo quando a gente imagina que a lição do aborrecimento lhe aproveitára.

O que é certo é que, em pleno seculo XVII, o frade apparecia por toda a parte, nas horas de alegria ou de enfado. Estava em moda. O convento tanto era a hospedaria de um enfastiado como de um converso. O enfastiado, se conseguia readquirir o apetite das mundanidades, voltava ao mundo tantas vezes quantas se desenfastiava, e ao convento tantas quantas tornava a aborrecer-se. O converso convicto sepultava-se vivo na claustra, e era o seu exemplo que attraia os *blasés* ephemeros, os suppostos arrependidos. Mas o convento era o desenlace forçado de todas as situações, de todos os dramas sentimentaes. Lembrava facilmente como um expediente que estava em voga, e facilmente se esquecia tambem. Citarei um exemplo. No seculo XVII os costumes de Portugal e Castella mediam-se pelo mesmo estalão; portuguezes e castelhanos vestiam e pensavam pelo mesmo figurino, a despeito de Quevedo appellidar

de *sebosos* os portuguezes. Pois uma famosa comica hespanhola, Marianna Romero, esposa divorciada de Luiz Orti, entrou no convento das Trinitarias Descalzas, de Madrid, e tomou o nome de Marianna da Santissima Trindade. Julgava-se arrependida, contricta; queria abandonar o mundo. Mas como as *grades* dos conventos eram n'esse seculo muito frequentadas, quasi publicas, não a separáram tanto do mundo que não sahisse do convento para casar com o comediante Manuel Angel, dragão de mulheres, diz um escriptor hespanhol, que já era viuvo de cinco, e que mandou para o outro mundo a Romero, que era a sexta.

Para seduzir as almas n'um momento de desconforto, o convento tinha por si a tradição antiga. Vinha de longe o costume de amortalhar no habito monastico um coração maltratado de desventuras amorosas.

No seculo XIII morreu no convento de S. Francisco de Santarem um frade que se chamava Antonio da Conceição. A vida d'este frade é extremamente romantica. Amava no seculo uma dama, que lhe era superior em nascimento e riqueza. Por a merecer, estava disposto aos maiores sacrificios. Ella, para ser sua esposa, impoz uma condição que lhe parecia irrealisavel: que elle lhe fosse buscar um frasquinho de agua do Jordão. D. Antonio, assim que isto ouviu, abandonou a patria,

gastou dois annos n'uma viagem á Palestina, e voltou com o frasquinho de agua do Jordão.

E' grande o numero de gentilezas que se teem dito ou feito a proposito de um copo d'agua, seja do Jordão ou não seja. Occorrem-me agora duas. Conta Fernam Lopes que quando D. João I poz cêrco á villa de Chaves, e ordenou que aos habitantes fosse defeza a agua do rio, enviava cada dia um cantaro de agua fresca do Tamega a D. Mecia Vasques, mulher do alcaide. Outra gentileza tem menor significação por ser de homem para homem. Um cavalleiro portuguez, do tempo de D. João II, chamava-se Pedro de Mello, e viera a ser alcunhado o *do Pucaro*. Servindo uma vez o rei que estava á meza, cahiu-lhe da bandeja o copo da agua. Os outros fidalgos riram-se. D. João II disse: «Pois nunca lhe cahiu a lança em Africa!» D'aqui a alcunha — o *do Pucaro*.

Tornando ao caso. D. Antonio viu premiada a sua proesa: desposou a dama. Mas a sua felicidade não foi longa. Viuvou, e fez-se donato franciscano em Castella. Mereceu ser um dos mais reputados prégadores da sua ordem, e, passando a Portugal, foi guardião do convento de S. Francisco em Evora. Veio a morrer em Santarem, sua terra natal.

No seculo XV D. João da Silva apaixonou-se por D. Leonor, filha do rei D. Duarte, em cuja

côrte servia. Namorado, tomára por divisa um falcão volante com a legenda *Ignoto Deo.* Contrariado pelo casamento de D. Leonor com o imperador Frederico III, resolveu acompanhal-a, fazendo parte da comitiva. Assistiu ao casamento em Roma, mas desde essa hora angustiosa da sua vida errou solitario longo tempo pelos Apenninos com o nome de Amadeu. Morreu no conventinho da Paz, em Roma, ficando conhecido na historia por Beato Amadeu.

Sua irmã, D. Brites da Silva, que acompanhára para Castella a infanta D. Izabel, — mãe da rainha antonomasticamente chamada *Catholica,* — só porque por amor da sua formosura se batiam á espada os fidalgos castelhanos, sem que ella lhes désse trella e ousio, recolheu-se ao convento das dominicas de Toledo.

A tradição galante dos conventos era esta, desde tempos remotos.

No seculo XVII a tradição refinou, porque foi aquelle um seculo de beaterio devasso, escandalosamente freiratico.

Costa e Silva, no *Ensaio biographico-critico,* diz com razão: «Qualquer freira divertia-se mais, e gozava de mais liberdade no claustro do que na casa paterna, e por isso as donzellas tinham tão pouca repugnancia em tomar o véo. Ninguem se julgava taful de bom tom, sem ter a sua freira, e

uma freira não só era uma amante apaixonada, mas uma protectora poderosa, porque per si, ou pelas suas amigas, tudo conseguia, e pedia tudo para aquelle por quem se interessava!»

Os conventos ardiam em corrupção de galanterias, a que raras almas resistiam. A tentação ia de fóra para o interior dos conventos, e vinha do interior dos conventos para fóra.

«Frasqueirinhas a my de França com aguas de cheiro? escrevia D. Francisco Manuel a uma religiosa sua parenta. Huy, Senhora! não faça isso. Mande-me V. M. bons conselhos, e não queira trazer-me á memoria que houve regalos na vida, e que perdi eu os de V. M.»

As freiras do seculo XVII foram por via de regra magnificos exemplares de hysterismo, por ventura principalmente derivado das condições habituaes da existencia monastica, e açulado pela licença dos costumes da epocha. Umas espiritualisavam beatificamente os seus amores no vulto intangivel de um esposo ideial, Jesus Christo, que as visitava nas cellas e no côro, pertencendo aos physiologistas explicar se n'esses arroubos mysticos o corpo não partilhava da voluptuosidade amorosa do espirito. As chronicas andam cheias d'estes exemplos. Outras pendiam, impellidas por maior violencia de temperamento, a uma sensualidade menos espiritual, permitta-se-me a expressão, e procuravam a

realidade deleitosa de um amante menos divino do que Jesus. Avulta n'este caso como exemplo a religiosa portugueza, auctora das celebres *Cartas*, que Luciano Cordeiro acaba de estudar notavelmente, e que se suppõe ter sido soror Marianna Alcoforado, tomando como ponto de partida a revelação lançada, quasi seculo e meio depois, n'um exemplar do *Diccionario* de Brunet, pertencente a Boissonade.

A philosophia, uma cousa sabia que se inventou para explicar todas as virtudes e todos os vicios da natureza humana, abrange perfeitamente qualquer d'estas modalidades pathologicas de hysterismo conventual.

No primeiro dos casos citados, encosta-se ao hespanhol Molinos, que tambem no seculo XVII sustentou a doutrina quietista da absorpção em Deus.

No segundo caso, as freiras seiscentistas podiam desculpar-se, á sombra da philosophia, com o pantheismo idealista de Amaury de Chartres, que floresceu no seculo XII, segundo o qual as creaturas não são mais do que as formas individuaes da substancia divina, unica e una; ou ainda talvez melhor com o pantheismo materialista de David de Dinant, para o qual Deus era a materia universal, essencia de tudo, sempre identica, nos homens ou nas cousas.

Luciano Cordeiro parece ligar uma grande in-

fluencia ao quietismo de Molinos na vida conventual do seculo XVII; mas a philosophia influenciadora das freiras já vinha de muito longe, de David de Dinant por exemplo, ou, mais longe ainda, do pantheismo oriental de Scoto.

Ha na Torre do Tombo um manuscripto de que eu pude extrair algumas indicações, interessantes e novas, para reconstruir a vida mundana de Antonio da Fonseca Soares. A este manuscripto, que abrange a chronica do convento de Jesus em Setubal começada em 1797 e acabada em 1803, terei de referir-me varias vezes. Escreveu-o uma religiosa d'aquelle convento, soror Anna Maria do Amor Divino, que, com discreta dicacidade, dá noticia da relaxação a que ali havia chegado a vida monastica. [1]

Conta que apenas se tratava de fazer doce, em parte para manter correspondencia com o seculo, e em parte como ramo de commercio. O silencio, recommendado pela Regra, estava de todo perdido. A toda a hora do dia e da noite apenas se ouviam no claustro cantigas e modas profanas. Nos vãos dos oratorios lateraes do côro, convertidos em

[1] *Memorias historicas do real convento de Jesus de Setuval compostas por Sor Anna Maria do Amor Divino, religiosa do mesmo, para servirem de supplemento, e continuação do tratado da antiga e curiosa fundação d'elle, que compoz a Madre Sor Leonor de S. João.* Tomo I. Sala M, estante 21, ms. 848.

botequins, juntavam-se as freiras, comiam, conversavam, riam, encobertas por uma cortina. O palratorio nunca estava vasio. *Então se quebraram de fóra algumas das pontas de ferro, que faltam na grade; e na lamina de cobre abriu-se um buraco tal, como ainda hoje o mostra o remendo, que depois se lhe pregou.* Este caso do buraco vai textualmente. Perguntada uma noviça por que tinha entrado para o convento, respondeu: Se não ha achar um homem capaz! Outra noviça, que tinha uma irmã no convento, respondeu: Eu não gostava, mas a mana dizia-me que isto cá dentro era melhor do que se cuida lá fóra, por haver maior liberdade. *Peior que tudo,* diz soror Anna Maria, *foi outra* (noviça) *que veio ser causa de duas mortes, e cobriu de lucto estas paredes.* Só as velhas praticavam a virtude; por isso a sincera chronista lhes chama «reliquias preciosas da creação antiga.» Mas as noviças, por sua vez, chamavam-lhes «velhas tontas.»

Peior que as revelações de soror Anna Maria só conheço estes versos de frei Pedro de Sá, dirigidos a uma freira que o trocou... por outra freira. São tambem manuscriptos, e estão na Torre do Tombo:[1]

> É vem a ser que a freirinha
> se namorou de outra freira.
> Mais que mancebo cá fóra
> quiz lá dentro ter manceba.

[1] Sala M. Manuscripto n.º 1655.

....
Com que lançadas as contas,
conforme dizem as praguentas,
vinha-se accender comigo
e ia apagar-se com ella.

Se o leitor tiver paciencia para folhear as *Ordenações e leis do reino de Portugal confirmadas e estabelecidas pelo senhor rei D. João IV*, encontrará muitos alvarás providenciando platonicamente contra delictos que nada tinham de platonicos.

Pouco mais nova do que Antonio da Fonseca Soares, havia em Odivellas uma freira, que déra brado pelo seu desregramento de lingua e porventura de costumes. Era D. Feliciana de Milão, nascida em 1632. Parece que fôra amante de D. Affonso VI, se elle as podia ter, e mais tarde substituida por D. Anna Angelica de Moura, tambem religiosa, em honra da qual o rei realizára uma tourada no páteo de Odivellas. As duas rivaes digladiavam-se com redondilhas, *papeis* que passavam de mão em mão, fazendo as delicias dos locutorios escandalosos. Feliciana jogava de vocabulo contra a Moura, que a tinha apeiado:

....
essa mais que feliz Anna,
que posto que *soberana*
e tão endeusada está,
«Anna felice» será,
mas nunca *Felice Anna*. [1]

[1] *Caveira da martyr*, por Camillo Castello Branco, tomo II,

Antonio da Fonseca Soares tinha tambem as suas freiras. Uma d'ellas chamava-se Brites, e estava em Chellas, d'onde, doente de cama, lhe escrevera em sexta-feira santa, mandando-lhe pão de ló. Fonseca respondeu com um *romance*, que é dos poucos publicados por Costa e Silva. N'esse dia, por obedecer ao beaterio corrupto do tempo, jejuava elle; estava a pão e agua.

Agora chega o rapaz,
e o teu ló; pego da penna,
e juntamente jantando
faço estes de sobremeza.

Não se póde ser christão
n'uma sexta feira d'estas!
Pão, e agua! já não posso
bolir com mão, nem com perna!

Presume elle, no *romance*, que chegando a sua carta ao convento de Chellas, logo as freiras, cujos costumes se mediam por geral bitola, fariam circulo ao leito de Brites.

Chega Maria das Chagas,
dá-te a minha carta, e vêl-a
tão cheia de necedades,
de disparates tão cheia,

Que te motiva pesares,
que te motiva molestias.
Dizem as freiras amigas:
— De quem é? é do Fonseca?

nota 1.ª De Feliciana de Milão escrevemos nas *Viagens à roda do codigo administrativo* e no *Capote do sr. Braz*.

Antonio Soares da Fonseca, não obstante guardar-o jejum de sexta feira maior, correspondia-se amorosamente com uma freira de Chellas, que lhe tinha mandado pão de ló. Era a moda, o estylo do tempo. Por isso não acreditamos na sinceridade da sua conversão senão quando, ao cabo de longos annos, consegue perder completamente a memoria do mundo.

As leis comminativas contra freiras e freiraticos iam esbarrar no desdem ou na reacção.

Os escandalos nos conventos chegaram a tamanho excesso, que o principe D. Pedro recommendou aos ministros de suas justiças que prendessem por louco todo o secular que tivesse correspondencia com freira, e o multassem em avultada quantia de dinheiro, ordenando tambem aos prelados que não consentissem nos mosteiros nem tratos nem vestidos immodestos.

O primaz de Braga, D. Verissimo de Alencastre, quiz em 1674 ser rigoroso no cumprimento das ordens recebidas e, de Lisboa, onde estava, ordenou ás freiras do Salvador, dos Remedios e da Conceição, d'aquella cidade, que as grades dos locutorios fossem collocadas de modo a medear entre uma e outra grade a distancia de oito palmos. As freiras bracharenses recalcitraram, e as auctoridades ecclesiasticas declararam fulminar-lhes interdicto e pôr cêrco aos mosteiros.

As freiras armaram-se em defeza, arrancaram os crivos dos mirantes, fizeram d'elles baluarte, e varejavam a fogo todas as pessoas que pretendiam approximar-se dos mosteiros. As auctoridades ecclesiasticas preveniram o primaz da resistencia das freiras. O arcebispo irritou-se, e desde Lisboa, onde se conservava, conseguiu que um desembargador do Porto fosse a Braga devassar do caso. Ao mesmo tempo instancias de amigos e parentes pretenderam demover as freiras do seu plano de resistencia. As do Salvador cederam, atraiçoando o pacto que tinham feito com as dos Remedios e Conceição. O doutor João de Carvalho, desembargador da Relação do Porto, entrando em Braga com alçada, fallou ás religiosas d'estes dois mosteiros com promessas de perdão ou de castigo, segundo o modo como procedessem. As freiras fizeram ouvidos de mercador. A devassa proseguiu, mas sem resultado, e o doutor João de Carvalho soccorreu-se do ouvidor da cidade de Braga, doutor Gaspar de Moraes, pessoa geralmente respeitada. As freiras reluctaram, mostrando-se indignadas com o doutor João de Carvalho e com o provisor José Soares de Carvalho. Que com taes Carvalhos nada queriam. Que fosse o arcebispo em pessoa, e que se aquietariam logo. O arcebispo, certamente atiçado pelos Carvalhos, não foi, e mandou ordem para que apertassem o

cêrco aos mosteiros dos Remedios e da Conceição. Assim se fez. Os Carvalhos foram com as companhias da ordenança prender todas as criadas do serviço das egrejas e sitiar rigorosamente os conventos. Então as freiras tomaram a resolução heroica de abandonar os mosteiros e pôr fogo ás casas dos Carvalhos, que se precatáram, mandando circuitar os conventos com uma tranqueira de paus do seu appellido, pregados com grossas travéssas. Ao mesmo tempo ordenavam que a porta do convento dos Remedios fosse derrubada a golpes de machado. As freiras tangeram o sino a rebate, dando aviso ás da Conceição. A abbadessa dos Remedios, temendo maior responsabilidade no tumulto, encerrou-se no cartorio com as chaves de todas as portas. Mas as freiras, armadas dos machados com que se partia a lenha, arrombaram as portas interiores, fizeram as rodas da portaria em rachas, e sahiram ao páteo circuitado pela tranqueira.

As da Conceição, ouvindo picar o sino dos Remedios, armaram-se de ponto em branco, arrancaram as chaves á abbadessa, abriram as portas, e sahiram de cruz alçada, com seus mantos e véos, rezando por seus livros, a encorporar-se ás dos Remedios. As companhias e cabos, que formavam o cêrco, não tiveram coragem de maltratar as graciosas esposas de Christo, que passaram

entoando psalmos ao longo da rua dos Pelames. Houve em Braga um grande panico. Os Carvalhos sumiram-se pelo chão abaixo. Alguns magistrados menos antipathicos ás freiras ousaram porém sahir-lhes ao encontro, quando já o cabido sahia tambem de cruz alçada. As freiras pozeram condições: que se recolheriam aos conventos, se lhes levantassem o cêrco, lhes soltassem as criadas, e lhes assegurassem que sobre-estariam em vexames e censuras. Prometteram-lhes que tudo se faria assim, mas as freiras declararam que não se fiavam em promessas. Não houve remedio senão pôr logo por obra o que se tinha promettido. Dois annos levou a dirimir o pleito. Por fim, as grades do Salvador, dos Remedios e da Conceição foram emparedadas á distancia de oito palmos, ficando assim prohibidos, com grande desgosto das freiras, os *sake-hands*, e outros contactos.

O bispo do Porto, D. Fernando Corrêa de Lacerda, prohibira que nenhum religioso da sua diocese podesse frequentar as grades dos conventos, ainda que fosse para visitar irmãs. Por esta ordem o metteram á bulha em pasquins, de que mais longe daremos amostra. Feriram-no no calcanhar de Achilles, — por baldas certas — accusando-o de não poder

.... estar
já sem catastrophear.

Allusão ao livro *Catastrophe*, que em detrimento do rei Affonso VI elle havia escripto.

A decadencia era completa, e passou dos costumes para a litteratura, que não é senão o reflexo d'elles.

O cultenarista Gongora fundára escola em Castella, achando longo sequito de imitadores. Gongora passára a ser um semi-deus da poesia, um oraculo. D. Felix de Arteaga, chamado tambem o padre Paravicino, exalçava-o até aos astros:

> Hijo de Cordoba grande,
> padre mayor de las musas,
> por quien las voces de España
> se vén de barbaras, *cultas*.

Em França, a marqueza de Rambouillet estabelecia no seu bello palacio o foco do *preciosismo*, e tecia com os seus convivas a famosa *Grinalda de Julia*.

O poeta italiano Marini estivera em França, em 1615, chamado pela rainha Maria de Médicis, frequentára o *Hotel Rambouillet*, e publicára em Paris o seu poema *Adonis*, que obtivera um grande successo.

Marini brilhava, nos salões da marqueza, pela prodigalidade dos *concetti*, e o seu exemplo corrompera, salvas raras excepções, o bom gosto dos poetas italianos.

Todos estes factores de decadencia litteraria,

primando por immediata acção os que vinham de Castella, cuja lingua por tão longos annos haviamos fallado e escripto, caracterisam litterariamente a epocha em que Antonio da Fonseca Soares versejou.

Assim foi que n'aquelle tempo «eram os altos quilates do estylo culto — os equivocos, os trocadilhos, o marinismo, os *concetti*, hyperboles rabelaiseanas, o estylo pompadour, consonancias de clausulas, homonymias, jogo de vocabulos, hypothyposes, emfim o gongorismo que se havia, com uma doçura insidiosa, infiltrado nos mais primorosos engenhos, sem excepção do padre Antonio Vieira e de Jacintho Freire.» [1]

Os *romances* castelhanos, em toantes, recheiados de periphrases trabalhosas e de nublosas allusões, faziam as delicias do leitor, e eram tanto mais apreciados quanto menos penetraveis. Aqui vem segunda vez a ponto D. Francisco Manuel, e outras mais virá, de certo. Diz elle: «E porque em tudo vá ás avessas de outra gente, acabei primeiro o officio das trevas, em outro *romance, que se não poderá lêr sem cirio bento*, *e bem acceso*, *segundo elle vai escuro.*» E n'outra carta: «Ahi vay hua cousa a modo de soneto. Bem vos dizia eu que não sabia as linguajens de aquella Arte, por onde se estuda

[1] Camillo Castello Branco, prefacio aos *Ratos da inquisição*, pag. 95.

no Paço. *Deyxei-o, sem embargo, ir assy sobollo entre o lusco, e o fusco, que não he mao para o auditorio: havendo já muito tempo que não estimamos tanto o que entendemos, como o que não entendemos.»*

A individualidade de Antonio da Fonseca Soares não se afundou na vulgaridade dos seus confrades gongoristas.

Camillo Castello Branco, escrevendo ácerca das obras inéditas do «esbelto e valoroso capitão», diz que «ainda hoje sobrevivem á fama do seu auctor volumes manuscriptos que, se nada prestam como provas de estro, occultam joias de locução que denotam profundo estudo da lingua, e vontade de opulental-a com neologismos castelhanos.» [1] Na mystica, Camillo Castello Branco entende que a poesia de Frei Antonio das Chagas não desmerece comparada á uncção e maviosidade dos *Canticos espirituaes*, do hespanhol Frei João da Cruz, e que os seus livros asceticos offerecem boa recompensa a quem os lêr, e parecem escriptos no periodo anterior por modelos primorosos.

O padre Manoel Godinho refere que Antonio da Fonseca Soares, tendo meditado as obras espirituaes de frei Luiz de Granada, fizera voto de servir a Deus no habito de S. Francisco.

[1] *Curso de litteratura portugueza*, pag. 47.

Conta, sob o seu ponto de vista, que Deus, no acto da leitura, o derrubára da cadeira em que estava sentado, como para chamal-o á realidade das cousas. Este caso da cadeira affigura-se inefficaz como complemento da impressão moral do livro, para uma alma que não estava ainda definitivamente tocada pela graça divina.

Vamos vêr.

Não obstante ter feito no Brazil confissão geral, e haver sido solicitado á vida monastica por cinco frades que, aconselhando-o, não sabiam uns dos outros, Antonio da Fonseca Soares voltou a Portugal sem se haver escravisado por qualquer voto religioso.

Apesar de ter cahido da cadeira, de haver procurado as luzes espirituaes da Companhia de Jesus, de ter feito confissão geral, e de haver sido convidado ao monachismo pelas solicitações de cinco frades, Fonseca voltava do Brazil mais militar do que religioso.

Ageitar-se-me-ha ao deante occasião de publicar na integra um documento, que com improbo trabalho descobri na Torre do Tombo, — vasto manancial de noticias inéditas, aliás pouco explorado. Mas desde já extraio d'esse documento uma informação curiosa. Fonseca veio do Brazil na capitania da frota, que navegava sob o commando d'um general. Receiou o general que a armada de

Inglaterra lhe desse combate, e como estivesse a bordo Antonio da Fonseca Soares, que tinha fama de militar valoroso, encarregou-o da defeza do castello de pôpa, para o caso de travar-se combate entre as duas esquadras. Fonseca acceitou a commissão. D'aqui se infere que o converso era n'elle menos visivel do que o official, á volta do Brazil.

Repatriado, procurou de novo o contacto das mundanidades que o haviam perdido.

Frei Manoel Godinho explica o caso pela tentação carnal do feminino:

«A muitos parecerá que foi causa d'esta reincidencia de Antonio da Fonseca a muita confiança, com que passados dous para tres annos de penitencia, e reforma, se atreveu a tornar ao logar da culpa, fazendo-a natural com a repetição de sua patria, na qual viviam ainda Dinas, Bersabees, Thamares, e Dalilas, para tirarem de seus sentidos, e cegarem os olhos aos mais fortes guerreiros, e allumiados espiritos; e onde estava ainda fresca a tinta das cartas, que escrevera, como Páris a Helena, etc.»

Reincidente na devassidão, Antonio da Fonseca repartia a sua accidentada existencia entre o theatro da guerra no Alemtejo e o theatro galante da côrte em Lisboa.

Sabemos que foi aos dezoito annos d'idade que perdeu seu pai, e que passados dois ou trez annos

embarcou para o Brazil, tendo sentado praça em 1650. A demora na America do Sul não podia ser, de feito, longa, porque Fonseca tomou parte na conquista da praça de Mourão, a 29 de outubro de 1657.

Elle mesmo cantou a façanha do exercito portuguez, que o general Joanne Mendes de Vasconcellos commandava. O poema, em sessenta e duas estancias, oitava-rima, afina pelo genero epico, e, não obstante Verney negar ao poeta competencia para este genero, é dos melhores que conhecemos, da epocha.

Costa e Silva dá no *Ensaio biographico-critico* longos excerptos d'este poema, bem como de outro, em quarenta e nove estancias, que Fonseca compoz para celebrar a victoria das linhas d'Elvas, em 1659.

Abrindo mão das obras espirituaes de frei Luiz de Granada, resurgira em Fonseca o antigo mundano.

Alimentando todos os vicios do seu tempo, era um grande consumidor de tabaco. *Ao senhor tabaco*, intitula um dos *romances*. Não direi que fosse um acerrimo fumista como Bocage

> . . . . bocca accesa
> d'onde o fumo, que sai, a todos some,

mas, como bom militar, trazia a sua provisão de tabaco em folha ou picado.

Quando vos trazia em caixa
me encaixavam de contino,
porque me faziam pobre
dizendo que ereis mui rico.

Mas o tabaco encarecêra grandemente, pelo abuso que d'elle se fazia na côrte, e porque a guerra com Hespanha obstava a que entrasse em Portugal o tabaco castelhano.

Quando vós ereis barato,
de vós andava provido,
mas foi emquanto na côrte
se não fez de vós capricho.

Encarecido o tabaco, contentava-se com bloquear as estanqueiras ariscas:

Menina, que n'essa tenda
vendes com tão linda cara
e para fazeres guerra
fazes tenda de campanha;

O tabaco que ahi vendes
o vendes com tanta graça,
que em vez de tomar tabaco,
ahi mesmo te tomára.

Com teu continuo rigor,
com tua fera esquivança,
mais moidas que tabaco
a todos moes as entranhas.

Tua mercancia, menina,
por pó é um quasi nada.
Quem quasi nada em ti busca,
se acha rico em tua cara.

Quem compra o pó do tabaco,
pelo pó do gato anda.
Tu, para roubar vontades,
são os teus olhos dois gatos.

N'esse pó que ahi vendes,
o vendes tão engraçada,
que o ouro do rio Pó,
não tem, menina, tal graça.

Quando na caixa o tabaco
deitas com tão linda traça,
tal guerra fazem teus olhos,
que de guerra tocam caixa.

Quando na balança pesas
esse tabaco, mochacha,
á ferida do amor fios
pões no fio da balança.

Vendes de folha o tabaco,
mas tanto com mão armada,
que na espada do teu rosto
tens melhor folha d'espada.

Tabaco de fumo vendes
e, posto que o vendes caro,
tua cara por formosa
muitos mais fumos levanta.

Quando esse teu tabaco
com esses cordões o atas,
nas cordas do coração
dás, menina, mil laçadas.

Tão melindrosa te acho,
que te vejo já mudada,
mais tomada que tabaco,
de meus requebros tomada.

O amor ephemero e voluvel dava azas á sua imaginação de poeta. Entregou-se a um incessante borboletear de bella em bella, a julgar pela variedade dos nomes femininos de que dão testemunho as suas poesias inéditas, que em mais de um manuscripto pudémos ler.

Força é confessar, porém, que de preferencia se dirige a *Fillis*, mostrando uma sensivel preferencia por esta poetica pseudonymia, que os poetas gongoricos escolheram nas pastoraes hellenicas. Não só o seu poema epico se intitula *Fillis*, mas outras muitas composições suas celebram o mesmo nome. Em grande numero de *romances*, *Fillis* é o pseudonymo que occulta o nome da mulher cantada, sendo por isso de suppôr que Antonio da Fonseca Soares amára com maior enthusiasmo a mulher assim invocada, e de que uma prematura morte lhe deixára profunda saudade.

Por muitas vezes canta Fillis viva, como por exemplo:

> Entrou Fillis na capella,
> toda luzes, flores toda.
> Valha-me Deus, que bizarra!
> Deus a guarde! e que formosa,
> levando as lampas a tudo!

Mas Fillis morrêra e, perante o seu ataúde, o poeta entôa um threno de maviosa tristesa:

AO RETRATO DE FILLIS DEFUNTA

ENDECHAS

Idolo posto em sombras,
luz morta em nuvens negras,
eclypse vivo em tintas,
sol desmaiado em trevas;
        Doce saudade minha,
        lembrança minha eterna,
        da alma morto debuxo,
        dos olhos viva offensa;

Suspirada memoria
e apetecida ideia,
sonho da phantasia
e accôrdo da firmesa;
        Vinde, vinde a meus olhos,
        que estão para exequia;
        os disvelos de accôrdo,
        e as lagrimas de vea.
        Vinde...............

Mas em torno de Fillis gravita toda uma constellação de nomes femininos, que o poeta celébra.

Tisbe não é dos menos repetidos.

Umas vezes chora Fonseca a ausencia de Tisbe, como n'este *romance* que lhe envia de Moura:

AUSENCIAS

Depois, Tisbe dos meus olhos,
que me ausentei d'essa terra,
lá ficou comvosco a vida,
cá veio comigo a pena.

Tão outro estou do que fui,
que, quando alguem me nomea,
pasmo de que a gente cuide
que inda sou quem d'antes era.

Feitos fontes, os meus olhos
choram tristes vossa ausencia,
como se o que perde a vista
o pranto cobrar podera!

Mas se é officio dos olhos
vêr e chorar quem condemna,
que chorem minhas saudade
se não vêem vossas lindezas.

Ai, Tisbe! quanto a delicia
d'aquellas noites me lembra!
e que bem pago em más noites
quanto devo ao bem d'aquellas!

Sonho parece esta dita
e é bem que de accôrdo crea
como verdade me mata
e como engano me alegra!

Aqui o amor dentro n'alma
saudoso me representa
uma luz, que toda é sombra,
e um bem, que todo é chimera.

Aqui me arrebato todo,
e tanto esta fé se eleva,
que só da minha lembrança
parece que se alimenta!

Tramoyas são da fortuna,
Tisbe, os bens que me dispensa,
pois m'a concede a minutos
para que a siglos padeça!

Tramoyas são tanto á vista,
que sempre em vans experiencias
faz da memoria o theatro
com que ousa d'alma as tragedias.

Não ha, n'estes valles, troncos
d'onde em amorosas lettras
não se leia o vosso nome
e o meu amor não se escreva.

Não ha já por estes montes
rocha, penhasco, aspereza,
que não abunde o meu pranto,
que não meça a minha pena.

Não ha n'esta selva rio,
que se o meu pranto lhe chega,
inda que ribeiro nasça,
logo em mar se não converta.

Das solidões me acompanho,
onde, vivendo entre brenhas,
para os penedos sou alma
e para os homens sou fera.

Emfim tal estão meus olhos,
que, entregue a maguas e auzencias,
são mentira de mim proprio
ou lastima de vós mesma.

Vós lá, zombando de tudo,
rireis das minhas finezas,
que, emfim, costume é dos fados
fazeres-me estas remoellas.

Mas farei quanto quizeres,
que este amor é de maneira,
que, quando mais ambicioso,
com querer-vos se contenta.

Dai-me muitas novas vossas.
Pode ser, vendo essas regras,
que com ellas viva eu triste,
que ando tão morto por ellas.

Mas, adeus, que tocam arma,
adeus, adorada prenda.
Moura, vinte e oito de outubro,
Vosso Antonio da Fonseca.

Outras vezes canta-lhe o lenço, — em som de madrigal:

Pano de lenços tão fino
não me veja por Bretanha,
nem Cambrai junto a taes lenços
tem já pano para mangas.
....
Galante peça, meus olhos,
sois por certo, e não me espanta
que me deis peças tão ricas,
quem m'as fez sempre extremadas.

Seja tratando-as por um pseudonymo poetico ou pelo nome proprio, ainda que vulgarissimo, Antonio da Fonseca a todas canta.

Nem as Franciscas lhe escapam. Aqui está elle contemplando apaixonado as luvas de uma Francisca:

Pois que d'essas mãos formosas
foram prisões essas luvas...

Esta ou outra Francisca dera no gôto a Antonio da Fonseca, pois que mais de uma vez canta em honra do mesmo nome:

Francisca da minha vida,
por cuja divina cara,
inda que caro me custe,
vivo todo á *franciscana*
na Arrabida d'esta abscencia,
sendo deserto a distancia;
posto em vida n'uma cova,
passo a vida solitaria.

Outra canção a Francisca:

Francisca, aquelle jasmim
a quem do Tejo o cristal
amou flôr da côrte um tempo,
e flôr d'este campo é já, etc.

Hontem era uma freira que lhe mandava um pintasilgo, talvez symbolico, prêso com um fio de sêda:

Minha flôr, cá me entregáram
esse vosso passarinho
com menos pennas, que a pena
que eu tenho que dar com o ninho.
Preso d'um fio de sêda,
chegou tão desmaiadinho,
que o vi mais que nas prisões
nos desmaios por um fio.

Hoje é uma priminha que lhe aguça o apetite:

Prima do meu coração,
acceitai meus sentimentos,
que não é contra o decôro
este amor de parentesco.
Sem vós cheguei a esta praça. [1]

[1] Provavelmente a villa de Moura.

Porém minto! Que grande erro
dizer que de vós me aparto,
se dentro na alma vos levo!

Amanhã quem o endoidece é uma

Lavadeirinha, que dás
ao sentido que sentir
e ao cuidado em que cuidar.

Antonio da Fonseca não se dedignava, nas suas aventuras amorosas, de cultivar as lavadeiras.

Já D. Diniz, sem desdouro para a corôa real, trovára em louvor de uma lavadeira:

Vai lavar camisas,
levantou-se alva,
o vento lh'as desvia
em o alto.

E o infeliz Christovam Falcão cantou de uma só vez nada menos de duas lavadeiras:

Isabel e mais Francisca
ambas vão lavar ao mar.
Se bem lavam, melhor torcem,
namorou-me o seu lavar.

Na *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos, Polonia canta uma trova da epocha, que dá testemunho da galanteria que as lavadeiras, posto que inconstantes, mereciam então aos trovadores namorados:

Amores, amores,
da minha lavandeira,
que não os tomeis,
que los perdereis.

Fonseca ia na corrente do rei Diniz, e dos outros:

A lavar a roupa ao rio
vai Magdalena da Praça,
curta um tanto de vasquinhas,
descalça pela calçada

Em que vae de pedra em pedra
Leva os brancos pés na lama.
Prata com lama parece,
tela com lama de prata.

O cargo leva á cabeça;
debaixo as douradas tranças.
Quem do ouro faz rodilhas,
mal fará caso de nada.

Chega ao rio, que suspenso
pasma, e, de vel-a, pára,
por ser ella mais corrente,
que a mesma corrente d'agua.

Lava as delgadas camisas,
que nas calendas passadas
lhe poz para não perdel-as
não sei que signaes de nacar.

De um gibão de riscadilho
péga, em que á vista acha
tantos riscos no lavar
quantos quando lh'os lava

E' grande a carga de roupa,
que a um tempo enxuga e lava.
Com pôr-lhe os olhos a enxuga,
com pôr-lhe as mãos a faz alva.

Ainda a outra lavadeira:

Lavadeira bella,
de rosto tão lindo,
o rio corrente
de vós se vai rindo.
Lavai essa roupa,
lavadeira bella,
batei-a no peito,
que é mais dura pedra.

Tão depressa gaba as mãos de *Amarillis:*

As mãos da minha Amarillis
são, apezar das invejas,
pelo macio um velludo,
pelo branco uma açucêna,

como, posto que enfermo de sezões, a doença endemica do Alemtejo, corre á procura de Anna:

Anna do meu coração,
cuja lindeza cigana
já me embrucha pelos olhos,
já me enfeitiça pela alma;

Anna, emfim, por quem mais quero,
se vos não tornais magana,
da Quaresma os *Misereres*
que as *Alleluias* da Paschoa;

Cheguei a esta vossa terra
entre sezões e esperanças,
de umas enganado ha dias,
de outras enfermo ha semanas.

Fui vêr se estaveis na egreja
e vos vi sem ser beata,
ou nas contas embebida
ou nas *Horas* enlevada.

Tudo lhe serve para fazer poesia de amor: o pintasilgo que lhe manda a freira; o favo que lhe manda *Fillis;* o appellido de uma dama que se chama *F. de Moura:*

Fillis, esse vosso favo
de ser favor não tem geito,
pois algum engano encobre
pores-me o mel pelos beiços.

Fazerdes-me a bocca doce,
depois de deixar-me azedo,
bem que sendo mau tem graça,
sendo favor tem mysterio, etc.

Minha *moura* dos meus olhos,
como hei de viver sem ver-vos,
se me dão vossas saudades
lançadas de mouro esquerdo.

Servindo-vos como um mouro,
de o ser vosso assim me preso,
pois muito mais que o resgate
estimo o meu captiveiro.

Peior que o mouro me trata
amor, pois me poz tão cedo
minha firmeza por braga,
por ferrete o vosso affecto.

Por mouro a vossa lei sigo,
que são vossos preceitos
os mandamentos que guardo
e o alcorão por que reso.

Bem que mouro, no meu pranto
me baptiso, em vos não vendo
e, sendo-o por vós, não fico
incapaz dos sacramentos.

N'uma galé mais que um mouro
remára a vosso respeito,
e, sem nunca ser forçado,
sempre andára a vela e remo.

Mas ai! que quando mais fino
maguas sinto, e chóro incendios,
turca no rigor vos acho,
moura na fé vos receio!

Que importa que arrenegado
me tenha o mal que padeço,
se as firmezas cathequiso
quando das ausencias renego!

Temi-me vendo-me insôsso,
podri-me, mas já não temo,
pois no sol da vossa graça
tão salmourado me vejo!

Vosso mouro e pêrro vosso
fòra por ser algum tempo
vosso n'essas perrarias;
soffrera dares-me a pêrros.

Mas apesar dos estorvos,
em que pês ao sentimento,
pois foi o mais seres minha,
ser vosso ha de ser o menos.

Emfim, moura dos meus olhos,
bem que escravo e bem que prêso,
carta de crença me dai,
que de alforria a não quero.

E pois sois minha sultana,
hoje sómente vos peço
que, pois me fiz vosso escravo,
me não façaes vosso servo.

Todas as peripecias do amor, desastres, arrufos, ciumes, saudades agitam a vida do inconstante official portuguez.

Agora é uma dama, talvez ferida da sua inconstancia, que troca o infiel galanteador pela clausura ascetica, como elle, cansado da vida mundana, havia de fazer mais tarde :

Para o convento de Santos
se foi hoje o meu amor.
Olhai vós, minha saudade,
onde o vosso sol se poz !

Poz-se-me o sol d'onde o dia
me amanhecia melhor.
Tão más noites, quem cuidára
que m'as daria o seu sol !

Fez-me mesura, e partiu-se.
Quem crêra, destino atroz !
que um mal a vida me poupa
para matar-me um favor !

Pouco depois chega uma hora de arrufos, em que, ciumento, procura provocar o ciume no coração da sua amada:

Ora já vossa mercê
estará muito a seu gosto,
que, emfim, *sei* que tem mil graças,
isto de uns amores novos.

Um tal e qual tenho sido,
pois andei tão preguiçoso,
que fui em fazer-lhe a festa
o mais ronceiro de todos.

Mas se quiz bem alguma hora,
desculpe-me, que é forçoso
que quem traz a Tisbe na alma,
para o mais lhe falte accôrdo.

A saudade de uma despedida apaixonada vem pôr em vibração dolente a sua lyra:

Vós, meu bem, sem mim ficaes,
e eu, sem vós, triste me ausento!
Eu a morrer de saudades,
vós a viver de outro emprego.

Vós ficais, meu bem, e eu parto,
que em vão são da alma remedios
os pertos de uma memoria,
sendo longes ao desejo.

As egrejas foram para Antonio da Fonseca theatro galante de muitas das suas aventuras. E' sestro de poetas, pois que tambem n'uma egreja principiára a grande e tempestuosa paixão de Camões, diz a lenda. O mesmo aconteceu a Petrarcha.

Respeito e compostura não havia encontral-os então dentro dos templos.

Fizeram-se leis para cohibir o abuso, mas as leis eram letra morta. Em todo caso é curioso recordal-as, porque pintam bem os costumes derrancados do tempo.

Promulgou-se um decreto:

«Desejando atalhar a inquietação, com que se assiste, e o excesso, com que fallam homens com mulheres nas egrejas, principalmente nas em que os Senhor está exposto, em grande desserviço de Deus, escandalo dos fieis, e perturbação do socego, com que se deve estar em logares sagrados; Hei por bem, e mando que todo o homem, que sem necessidade fallar com alguma mulher em alguma egreja na porta, ou no adro d'ella, assim homem, como mulher, sejam castigados com todo o rigor em pena pecuniaria, prisão, e desterro, se assim o merecer a qualidade do excesso. O Regedor da Casa de Supplicação faça pôr editaes nas portas das egrejas com pena certa aos que delinquirem n'este caso, que deixo ao seu arbitrio, e ao dos ministros, que escolher para lh'o communicar; e ordenará particularmente ás Justiças executem os éditos, e penas n'elles postas, com tal cuidado, que se acabe o excesso, que tanto desejo evitar. Em Lisboa a 15 de janeiro de 1657. Com rubrica de Sua Magestade.»

Dous annos depois, em 31 de janeiro de 1659, publicou-se o edital para execução do decreto an-

terior. Ahi se estabelecia que todo o delinquente, que fosse nobre, seria prêso e degradado por quatro annos para a Africa ou para alguma das fronteiras, devendo pagar trezentos cruzados para a fabrica da egreja em que commettesse o delicto, para as despezas da Relação, e para o denunciador. O delinquente de menor condição seria condemnado em açoutes, dous annos de galés, e cento e cincoenta cruzados, repartidos da mesma forma; e as mulheres em açoutes, e dous annos de Castro Marim.

Como o abuso continuasse, apezar d'estas disposições repressivas, sahiu em 1667 novo decreto:

«Sou informado que nas egrejas d'esta côrte se fazem algumas cousas indecentes, e particularmente em fallar com mulheres, e se chega a ameaçar os ministros ecclesiasticos, que o querem impedir: o que resulta de não se observarem as ordens, que tenho passado sobre esta materia. Encarrego muito ao Conde Regedor da Casa da Supplicação ordene com aperto aos ministros da justiça, que pontualmente executem as ditas ordens, e leis; com advertencia, que se extranhe muito aos que fôrem remissos. Lisboa a 8 de junho de 1667. — Com rubrica de Sua Magestade.»

Ora o abuso vinha de longe, porquanto o titulo V do livro V das *Ordenações* já prohibia que se fizessem vigilias de dormir, comer e beber nas egre-

jas, nem guardassem por devoção o sabbado ou a quarta-feira, e que não fossem permittidos outros vodos alem dos do Espirito Santo.

As damas do seculo XVII faziam vistosas *toilettes*, entrajavam-se ao garrido, — como diria Filynto Elysio, — para ir aos templos. Vestiam á franceza. Já então seria verdadeira a phrase de Victor Hugo, se o grande poeta francez, antecipando-se duzentos annos, houvesse escripto no seculo XVII com relação á mulher de Pariz: «A fita d'essa mulher, que vai passando, governa. O modo como ella se lembra de a atar será uma lei em todo o mundo.» O *pourpoint* de tela, copiosamente enfitado, recebêra a nacionalisação portugueza de *propõem*. Sobre as vasquinhas cahia o guarda-pé de Milão. E o manto precipitava-se em ondas contornando a curva graciosa dos hombros. Na mão, lenço de Cambrai. Na face, negrejavam, sobre o carmim, as pequeninas *mouches*, que já no seculo XVI eram usadas em Portugal, como se apura de Gil Vicente:

> Moça de villa será ella
> Com signalsinho postiço.

Mas o que era isto comparado com o luxo feminino da côrte de Luiz XIV?! As favoritas do *rei-sol* traziam sobre si um Pactolo inteiro. Vem a proposito um trecho de madame de Sévigné: «Mr.

de Langlée deu a madame de Montespan um vestido de *ouro* incrustado sobre *ouro*, bordado e rebordado a *ouro*, refraldado de *ouro* crespo, acolchetado de um *ouro* com outro, o mais peregrino estofo que nunca ninguem imaginou: foram as fadas que em segredo teceram este estofo, até hoje desconhecido aos mortaes. Pensou-se em o dar com o mesmo mysterio com que foi fabricado. O costureiro de madame de Montespan levou-lhe um vestido que ella lhe havia encommendado, e que elle tinha feito para lhe não servir: madame exaltou-se reprehendendo-o, como podes suppôr: o costureiro, tremendo, diz: Madame, como já não ha tempo, aqui está outro vestido, que póde servir-vos. Desdobrou-o. Ah! que bello! que estofo! vem do ceu! não poderia encontrar-se outro igual! Veste-se: uma luva! Chega o rei. Diz o alfaiate: Foi feito para vós, madame. Logo se comprehende que foi uma galanteria; mas de quem poderia ser? De Langlée, diz o rei; de Langlée, certamente, diz madame de Montespan. Ninguem mais seria capaz de ter imaginado tamanha magnificencia; foi Langlée, foi Langlée! Todo o mundo repete: foi Langlée. Os eccos afinam no mesmo tom: foi Langlée. E eu, minha filha, faço côro com a moda: foi Langlée.»

Em Inglaterra a côrte era por igual ostentosa. D. Catharina de Bragança, sentada no throno de

Carlos II, não logrou evidenciar-se nem pela sua presença, nem pela sua comitiva, affirma o cavalleiro de Grammont. Para conseguir pôr uma nota brilhante na côrte ingleza planeou festas, delineou uma mascarada em que todos os pares dançantes deviam representar differentes nações. Mas o que era uma princeza de Portugal no meio da constellação feminina da côrte de Inglaterra, a par da condessa de Castlemaine, por exemplo? Era apenas a sombra, bondosa e triste, que passa ao fundo de um romance de Walter Scott. E todavia, no seu paiz, em Portugal, as mulheres pompeavam galas de *toilette*, e arrebiques de espirito, até nos templos! Uma vez, na egreja de S. Roque, entrando D. Feliciana de Milão, como certa dama deshonesta, valida na côrte, se não levantasse para lhe dar passagem, a celebre freira mundana de Odivellas disse para as criadas da fidalga, que se tinham erguido:

—Deixae, deixae, que não se levanta de graça quem se deita por dinheiro.

Pois uma princeza de Portugal, onde as mulheres tinham chegado a este desbragamento de costumes, quanto ao corpo e ao espirito, parecia *gauche* na côrte de Inglaterra. Em França, dentro da orbita resplendorosa de Luiz XIV, ninguem a teria enxergado.

O seculo de Luiz XIV foi um incendio asphyxian-

te: só os colossos podiam sobrepôr-se ás nuvens de fumo que vaporavam do incendio.

Fonseca andava espreitando quaes os templos a que as suas damas concorriam, para seguil-as:

Foi Cloris a S. Francisco
e foi de luto esta vez,
por mostrar que a tal bellesa
nada pode escurecer.

Ia tão bem assombrada,
que da sombra que então fez
a todo o sol, nem por sombras
sombra poderia ser.

Foi Maricas aos Caetanos
uma oitava do natal:
inda que o logar faltava,
ella se fez bom logar.

Entrou dentro, e dentro na alma
me entrou com imperio tal,
que eu sahi fóra de mim
e em mim mais não pude entrar.

No Alemtejo, a guerra; na côrte, o amor.

Antonio da Fonseca conhecêra a fundo os segredos voluptuosos das duas milicias, a de Marte e a de Venus.

A ellas se refere n'uma das quatro elegias religiosas que o padre Manoel Godinho publica em appenso á biographia:

Da Academia de Marte, em cujo estudo
E' papel a campanha, o sangue tinta,
A penna espada e o tinteiro escudo;

Para a guerra da côrte, onde requinta
Amor batalhas, Venus interpresas,
Onde quem Troya foi, campo se pinta, etc. [1]

No manuscripto que o dr. Garcia Peres possue, encontram-se as poesias fesceninas de Antonio da Fonseca Soares, que pudémos confrontar com as do manuscripto da Universidade, graças á copia de algumas d'essas composições, que o sr. Simões de Castro teve a amabilidade de nos mandar.[2] Ha pequenas differenças de copia, e alteração nos titulos. Assim a carta 11.ª do manuscripto de Coimbra, que se intitula *A um amigo que dormiu com uma moça,* tem no manuscripto do dr. Garcia Peres a seguinte epigraphe — *A uma pescaria — romance.*

São de uma licenciosidade escabrosa essas poesias, que, pela abundancia das copias que corriam manuscriptas, Antonio da Fonseca Soares não podéra aniquilar depois que tomou o habito. A musa de Bocage não foi mais desbragada. Não me é licito, por amor da decencia, reproduzir algumas d'essas poesias, como por exemplo a que se intitula *A uma pescaria.* A epigraphe que ella tem no manuscripto de Coimbra denuncía claramente a obscenidade do assumpto. Os equi-

[1] A um seu amigo, que seguia a milicia no Alemtejo, e pretendia vir para a côrte.

[2] Vide a terceira parte d'este opusculo: O ESCRIPTOR.

vocos metaphoricos salgam de chistes acres toda essa composição, cuja graça é mais que muito duvidosa.

Ponho sobre o romance da pescaria uma folha verde, como se uza fazer nas esculpturas nuas, e nem assim me atrevo a exhibir a copia.

Todavia, como eu quero dar uma ideia da musa fescenina de Antonio da Fonseca Soares, buscarei outra composição, não decerto innocente, mas cujos primeiros versos não sejam escandalosamente pornographicos.

E' um *romance* que principia:

> Terça feira de manhã,
> ao bairro das Olarias,
> das cinco para as seis horas
> fui vêr a minha Francisca.
>
> Bati á porta. Abriu Clara.
> Entrei. Subi para cima.
> Achei-a ainda na cama,
> deitadinha sem camisa.

D'aqui por deante a pornographia decota-se a tal ponto que a moralidade reclama silencio e... cortina.

Outro romance é sobrescriptado a um amigo que lhe encommendára aphrodisiacos. O que ha de menos grosseiro n'essa composição é a graçola suez de chamar burro ao amigo:

De uma certa erva, amigo,
me pedis hoje a receita,
e n'isto ides mostrando
que sois amigo da erva.

Faça o leitor ideia do que será o resto.

—⊱▫▫⊰—

Um dos amigos de Antonio da Fonseca, d'esse destemido e galanteador Fonseca, — pois que principalmente por este seu appellido foi conhecido no seculo, como se vê dos seus *romances* e cartas:

Vai logo o *pobre Fonseca*
por acabado e defunto,
pois se emfim não der á costa
ficará no cascadulho,—

era D. João da Silva, natural de Elvas, onde nascera em 1630, filho de D. Miguel da Silva.

O pai destinava-o á carreira ecclesiastica. Tendo chegado a receber as primeiras ordens da mão do bispo d'Elvas D. Manoel da Cunha, não lhe soffreu o animo, irrequieto como o do seu amigo Antonio da Fonseca, sujeitar-se á austeridade do sacerdocio. Sentou praça como soldado no regimento de que era mestre de campo seu tio Gonçalo Vaz Coutinho, sendo ahi promovido a alferes do mestre. N'este posto embarcou na armada mandada por D. João IV em soccorro dos principes palatinos. Em 11 de setembro de 1651 foi

feito capitão de cavallos, passando a commissario geral de cavallaria e, por distincção nas campanhas do Alemtejo, a tenente general.[1]

Muitas circumstancias concorriam a aproximar Antonio da Fonseca de D. João da Silva. Eram da mesma idade: havia apenas a differença de um anno. A ambos fascinavam os perigos e os donaires da vida militar. Um e outro eram poetas. Na *Academia dos singulares* recitou D. João da Silva um soneto de sua lavra, tomando por assumpto os tragicos amores de D. Pedro e D. Ignez de Castro:

> Principe amante, que na fé rendida
> fiaste a doce, e pallida bellesa,
> se a liberdade no sepulchro prêsa
> a alma ao cadaver fielmente unida:
>
> Por alta lei de amor restituida
> eximiste por uma só fineza
> o sagrado hymeneo da natureza,
> das leis da morte, e das pensões da vida:
>
> Tão finamente amor acreditaste
> que se um golpe sepára a união mais pura,
> tu na separação a eternisaste:
>
> Não vence a teu amor a morte dura,
> pois que na morte tu sómente ataste
> nós que em todos desata a sepultura.

[1] A carta patente nomeando D. João da Silva capitão de cavallos encontra-se no *Registo de patentes, alvarás, cartas, ordens* (vol. XIV, pag. 167), existente na Torre do Tombo.

Ambos elles deviam pompear as galanices dos pintalegretes da epoca.

O luxo ia de foz em fóra, desde a segunda metade do seculo XVI. Era estonteadora a exhibição de ferregoulos de sêda, manteos de Cambrai, meias de Toledo, chapeus de castor com trancelim de peças.

Na regencia do infante D. Pedro sahira uma pragmatica das côrtes sobre o escandalo e demasia dos trajes, pois que os homens andavam enfeitados como mulheres, e as mulheres esbagaxadas como maganas.[1]

O gosto da mundanidade assoberbava todos os espiritos, e todas as cathegorias sociaes. Homens de condição ordinaria vestiam as esposas com corpetes e gibões recamados de ouro e prata. Os velhos queriam parecer moços, tingindo as barbas. Fazia-se preciso um grande endurecimento de animo desilludido para resistir á corrente. D. Francisco Manoel escrevia a uma dama: «Requebros? isso não. Basta que o tempo me faça velho branco, sem que V. M. me faça velho verde. Porque diria logo alguem: Que moças galantes, e letrados ruyns, tomaram o officio aos tintureiros.» D. Francisco era uma victima das aventuras, estava desilludido, reagia.

[1] *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, pag 41.

As corrupções da côrte castelhana tinham lavrado fundo em Portugal.

No tempo de Filippe III, o pai do duque de Bragança, depois D. João IV, viera modestamente vestido ás côrtes de Lisboa, de 1619. Os porteiros não o queriam deixar entrar, talvez por ordem superior, mas D. Theodosio II, empunhando o estoque como condestavel, entrou altivamente. Pois os castelhanos chasquearam-lhe a farpella humilde, de sachrista, n'este epigramma:

> Con celebrado affan
> ha entrado Don Quixote.
> O' que lindo *sachristan*,
> si el estoque fuera hizope!

D. João IV manteve os esplendores aristocraticos que a côrte castelhana pozera em moda, e se algumas vezes se democratisava, recebendo no estribo do seu coche a regatèira *Maranhã*, era para se armar com o apoio da gentalha contra as conspirações dos nobres.

Antonio da Fonseca Soares e D. João da Silva offerecem um tão notavel parallelismo biographico, que, para acompanhar a historia de um, não podêmos deixar de fallar ainda do outro.

A' volta do Alemtejo, D. João recolheu-se a Thomar. Julgando-se desconsiderado, recusou os cargos de sargento-mór de batalha e de general de cavallaria na Beira. Naturalmente os seus des-

peitos fizeram á volta d'elle uma atmosphera de intrigas. Accusaram-n'o de inconfidencia á corôa. O processo foi ruidoso e longo.. Mas o depoimento de oitenta testemunhas deixou-o illibado. E o accusador, certamente poderoso, ficou impune.

Desacoroçoado do mundo, voltou-se para Deus, como o seu amigo Antonio da Fonseca Soares, já então monasticamente chrismado em frei Antonio das Chagas, e o padre Bartholomeu do Quental.

O exemplo do amigo não influiria menos no animo de D. João do que a voz mysteriosa que, tendo elle acabado de compôr um romance profano, lhe censurára o mau uso que fazia do seu talento.

Desde essa hora entregou-se ao mysticismo, á oração e á penitencia. Morreu a 11 de fevereiro de 1712, e com tão alegre semblante ficou depois de morto, que as pessoas que lhe assistiam tomaram a irradiação da sua face serena á conta de beatificação.

Este D. João da Silva foi o annotador das *Cartas espirituaes* do seu amigo frei Antonio das Chagas.

Na plenitude dos prazeres em que, á volta do Brazil, reincidira, foi Antonio da Fonseca acommettido de uma doença grave. Aviso do ceu! grita o padre Godinho. Mas não nos diz que especie de doença fosse essa. Antonio da Fonseca era

então um homem de vinte e tantos annos, robusto e galanteador, femeeiro insaciavel, provavelmente requintado no vestir em primores de elegancia marcial. Os militares d'aquella epocha, como se póde vêr no *Tempo de agora* de Martim Affonso de Miranda, arreiavam-se com espada doirada e talabarte bordado. Obrigava-os a esse luxo a riqueza hyperbolica com que as damas vestiam. A maior parte d'ellas uzavam manteos, que, em bordados de ouro e prata, não valiam menos de quinhentos cruzados.

«Não ha muitos dias, diz o alferes Martim Affonso, que passando pela Rua Nova (hoje dos Capellistas) vi certo cirgueiro enfitando uns chapins, de cuja valia, e feitio fiquei admirado; e chegando mais perto apertando comigo a curiosidade, lhe perguntei me dissesse que preço podiam ter; ao que elle me respondeu, do preço não vos saberei dar razão, do que levarão de feitio vos digo, e não é mentira, recebeu o mestre dezeseis mil reis.»

E' um traço caracteristico do que loucamente se dissipava em requintes dispendiosos de *toilette*.

N'um homem que tanto se aproximava de mulheres, e tão baldeado andava nas aventuras galantes do tempo, pode a gente suppôr que essa grave enfermidade, a que se refere o padre Manoel Godinho, fosse uma que já então lavrava

fundo nas classes sociaes mais elevadas, se bem que, poucos annos depois, recrudescesse.

Um poeta satyrico alludia a essa grave doença, a que a propria rainha Maria de Nemours não escapára, parece.[1]

Enfermo do mal francez
ha annos está Portugal,
e não sára d'este mal
por que o curam ao revez.
. . . .
De uma rainha franceza
que aqui veio a Portugal
se pegou tão grande mal
n'esta nação portugueza.
Penetrou mais na nobreza
este pestifero humor;
já não ha grande senhor
que este veneno escondido
lhe não tenha corrompido
de seu peito o interior.

A allusão do poeta não parece calumniosa. Nas *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, escriptas por um contemporaneo, encontra-se noticia das podridões com que o morbo gaulez infestava a alcova real. Transcrevemol-as na integra para não diluirmos a malicia que as acepilha.

«Poucos dias depois partiu S. A. da côrte para a banda de alem, a uma quinta que chamam Pancas, d'onde ha muita caça. Deixou a princeza para

[1] Camillo Castello Branco. *Perfil do marquez de Pombal*, pag. 30.

os despachos, o que ella não tomou bem, picada de alguma desconfiança, que o tempo lhe certificou: passados alguns dias, voltou S. A. para assistir á festa dos trez dias de Santa Engracia, e voltou achacado; a causa que se divulgou, foi de trazer um joelho molestado, mas a certa estava mais acima; punha-se a culpa ao cavallo, e a pena não sei se a causavam mulas; o desenfreado foi do apetite, cresceu o mal, e avultou, foram necessarias sangrias, recusou-as o principe, deram-lhe bichas, não sei se recolheu o mal, estava condemnado a suores a titulo de frialdades; que até as doenças e achaques se nomeiam por titulos decorosos, porem este é bem indecoroso para um principe; e emquanto estava de cura, ia a princeza correndo com os despachos.»

E n'outra passagem do livro:

«Andava S. A. molestado de algumas frialdades, e esperava a entrada d'este mez de setembro para se pôr em cura, e dizem tomou suores, com que se achou bem, e ficou de todo são; não faltou quem dissesse que a mesma cura se fez á rainha, que era indicio de haver padecido o mesmo achaque, não obstante que n'este tempo houve grandes desconfianças entre ambos, porque S. A. se picou dos ciumes, e talvez poderia ser a causa d'elles, e de uma e outra sorte é a mesma de que se valeu a desconfiança.»

Varios pasquins do tempo alludem á propagação do mal francez.

Assim, ao bispo do Porto, D. Fernando Corrêa de Lacerda, auctor da *Catastrophe*, dizia um poeta anonymo, chasqueando o rigor do prelado portuense contra as freiras da sua diocese:

Para que tanto zelar,
Lacerda, as pobres freirinhas?
Não as mateis, coitadinhas,
deixae-as sequer fallar,
não temais que o regular
lhe pegue de alguma vez,
como vós, o mal francez,
porque quando fôr na grade
a freira com algum frade,
só será mal portuguez.

Outro pasquim põe na bocca de Portugal estes dois versos, cuja allusão *doublée* á rainha é transparente:

PORTUGAL

Pegou-me França o seu mal,
jámais serei Portugal.

Mas não valeu, como aviso do ceu, a enfermidade de que fôra atacado Antonio da Fonseca.

«...foi necessario segredar-lhe outro remedio mais rigoroso, que foi cauterio de fogo, ferido por um bacamarte, com que em Setubal lhe tiraram á

queima-roupa de noite sem lhe tocar bala alguma no corpo...»

Palavras do padre Godinho.

Sobre estas linhas do biographo architecta-se facilmente o romance de uma aventura nocturna, á simillhança d'aquellas que por esse tempo o proprio D. João IV realisava no *boudoir* da terceira condessa de Villa Nova de Portimão.[1]

Segundo a tradição recolhida em Setubal, o caso do tiro disparado contra Antonio da Fonseca occorreu proximo dos antigos arcos que sustentavam o cano da agua, á entrada do Campo do Bomfim.

A bala descobrira-lhe a cabeça, mas não o ferira, como se deprehende da seguinte quadra da *Fugida para o deserto*, em que Antonio da Fonseca, já convertido á piedade, declara que sahira intacto de todos os perigos:

Sem verter sangue, meu Deus,
fiquei livre do perigo,
e assaz por mim na batalha
vertestes de sangue rios.

Refere ainda a tradição oral de Setubal que Antonio da Fonseca nunca mais tornára a cobrir a cabeça. Foi d'ali fazer confissão geral, empre-

[1] *Idyllios dos reis*, paginas 103 e 184.

gando em seguida as diligencias precisas para que a porta do claustro lhe fosse aberta.

Feita a paz, a praça de Setubal, com os seus tres fortes e um terço de infanteria, exigia uma despeza annual de 14:182$800 reis. O terço tinha quinhentas praças de lotação, com dez officiaes.

Azeitão, a dous passos de Setubal, offerecia muitas vezes recreio venatorio á côrte do joven e turbulento Affonso VI, como se vê de uma passagem da *Catastrophe de Portugal:*

«Em Azeitão, lugar fresco, e aprazivel, da outra parte do Tejo fronteiro a Lisboa, em quanto jantavam os fidalgos que com elle foram, seguindo-o algumas pessoas que n'aquellas horas o costumavam acompanhar, sahiu el-rei ao campo, aonde encontrou um touro, que lhe investiu, e feriu o cavallo; descompoz-se este com a dôr da pancada, e da ferida, com tanta violencia, que despediu el-rei da sella, veio ao chão, aonde ficou quasi aturdido da queda: concorreram logo todos a lhe acudir, e vendo-o d'aquella maneira quebrantado, o metteram em uma liteira, em que veio até Cacilhas, sempre entre gemidos e perturbações, e embarcando-o, chegou a Lisboa a deshoras, sobresaltando o paço e a cidade... »

Ao movimento commercial de Setubal n'aquelle periodo do seculo XVII se refere o judeu portuguez Antonio Serrão de Castro, que nascera em 1610, nos *Ratos da inquisição:*

> Vós n'ella fazeis descarga,
> e a carga metteis n'ella,
> e, sem ser Setubal ella,
> metteis carga e tiraes carga.

O padre Godinho, no capitulo V da *Vida de frei Antonio das Chagas,* allude, para exhibir um d'esses jogos de palavras que estavam então em moda, ao commercio do sal de Setubal, que se fazia pelo systema da *roda,* segundo um alvará de D. João IV. [1]

Fernão Rodrigues Lobo Soropita, o collector das poesias lyricas de Camões, tornou-se principalmente conhecido como escriptor do seculo XVII depois que Camillo Castello Branco vulgarisou as suas poesias e prosas inéditas (Porto, 1868.)

Pois Soropita, descrevendo uma jornada que fizera a Setubal, diz n'um estylo que parece presagiar, a duzentos annos de distancia, as *Viagens na minha terra,* de Garrett:

«O primeiro caminho que fiz foi á mui honrada villa de Setubal, a qual achei armada de ponto em branco, com gente de guarda ás portas,

1 *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal,* por Alberto Pimentel, pag. 39.

primeiramente no paço e por junto da entrada d'elle porque a soldadesca avultasse. Nos guardadeiros jogavam ao trumfo a parceiros sobre uma lágea com toda a freima do mundo, e com umas cartas castelhanas mais providas de graxa que a cosinha dos padres loios.

«A villasinha tomada assim pela rédia, sem lhe mandarem vêr os cascos nem a desalbardarem, *quer-se parecer a Lisboa,* principalmente os picões d'altenaria que se querem tambem inbridar á guisa dos lisbonenses; mas se lhes homem põe as pernas, é tão facil de enxergar a differença que não ha mister oculos de encaches para vêl-a; mas, sem embargo d'isto, porque estes temporaes a não alterassem, determinei de lhes fazer amainar toda a soberba passada, etc.»

E' possivel que a aventura amorosa de Antonio da Fonseca Soares, que lhe ageitou a emboscada de que ia sendo victima em Setubal, seja a mesma a que elle se refere no romance — a um compadre, dando-lhe conta de uns amores *que promettiam mau fim.*

Suspeito, e hei de dizer a razão, que esses amores tivessem por theatro o convento de Jesus, proximo ao logar do attentado. Fonseca anteveria o escandalo a que a escalada do convento, e por ventura a concorrencia de um rival perigoso, o poderiam arrastar.

Como quer que fosse, chamava-se Ignez a bella dama que requestava. Bella, digo eu, porque assim nol-a descreve. A bocca compara-a a um rubim; as faces tinham a coloração das rosas:

> A viva côr de seu rosto
> novos realces augmenta,
> que é o pejo a melhor gala
> de que se touca a bellesa.

O pé era uma miniatura:

> Tóco um pesinho que acaso
> topei ás apalpadellas,
> que de mui breve se occulta
> a quem adréde o deseja.

Nós já sabêmos quanto as grades do convento de Jesus permittiam a expansão de certos contactos.

Ignez, a principio, mostrava-se tanto mais esquiva quanto elle se denunciava apaixonado.

Antonio da Fonseca conheceu que ia por caminho errado. O que fez então?

> Mudo as guardas aos requebros
> e os rumos ás diligencias,
> aos descuidos largo o pano,
> aos cuidados tomo as velas.
> ....
> Sendo o mesmo que era d'antes,
> guardo o que d'antes não era.

Quer isto dizer que disfarçou o seu amor mos-

trando-se desdenhoso. O estratagema deu excellente resultado.

D'estes desvios se pica
e, cahindo na esparrella,
conseguiu esta esquivança
o que não poude a ternesa.

Ah! meninas d'estes tempos,
os diabos vos entendam,
pois castigais as lisonjas
e vos rendeis ás offensas!

O idyllio ia de foz em fóra, Ignez absorvia agora os cuidados e as attenções do poeta:

Sem a minha Ignez não posso
passar as horas que eternas
pela conta da saudade
se numeram pela ausencia.

Mas esses amores que tanto o enlouqueciam eram perigosos, como do titulo do *romance* se deprehende.

Póde ser que o tiro disparado em Setubal contra Antonio da Fonseca Soares fosse o epilogo d'este idyllio, — se o não foi de outro igualmente arriscado.

Quanto Antonio da Fonseca explorára amorosamente o feminino de Setubal, deprehende-se ainda do que se passou poucos dias depois de ter professado em Evora, quando imprudentemente o

mandaram para o convento dos setubalenses franciscanos

Referindo-se pois a esta mudança para Setubal, escreve o padre Godinho:

«Como n'aquelle povo fôra muito o seu conhecimento, em tempo, que elle fóra de Deus andava no mundo, era agora a todos exemplo, o que a todos *fôra escandalo*. . . »

E' manifesta allusão ao episodio do tiro de bacamarte com que o ciume ou a vingança tinha armado a mão desconhecida que o disparára.

Frei Antonio das Chagas, encontrando-se de novo no theatro das suas proesas amorosas, a que recordações mal apagadas lhe prendiam a memoria inquieta e o coração não petrificado sob o habito, tremeu por si e pela dignidade da ordem franciscana.

« . . . temendo porém o servo de Deus algum farisaico pelo pouco tempo, que mettera de per meio; e considerando tambem que Deus não é como as demais cousas, que se acham pelos caminhos, em que foram perdidas, e por isso lhe podia faltar com seus auxilios por aquellas ruas, em que tantas vezes o tinha perdido de vista por suas culpas, receioso outrosim de suas proprias memorias, mais que de sua vontade manutenida do favor divino, pareceu-lhe em Deus communicar aos superiores este seu receio, pedindo-lhes o

deitassem fóra d'aquella terra como sal infatuado, e que para nada tinha serventia. Vista pelo prelado esta sua petição, que recommendava a admiração de seu espirito, logo lhe mandou passar obediencia para o convento de Beja, e por ella que fosse estudar philosophia ao curso, que de novo se abria n'aquelle convento.»

Setubal fôra, pois, um dos logares que Antonio da Fonseca melhor conhecêra durante o tempo em que se abandonára aos prazeres do mundo.

Nas suas composições insertas no tomo IV da *Fenis renascida* (pag. 356 a pag. 371) encontra-se um romance offerecido a Gonçalo Vasques da Cunha, relatando uma das jornadas que o auctor fizera de Lisboa para Setubal.

> Lá do Terreiro do Paço,
> onde o Tejo, que o passeia,
> está tirando a terreiro
> as Driades e as Nereidas,
>
> Para a côrte de Neptuno,
> a quem do Tejo a grandeza
> ergue em machinas de pinho
> mil cidades de madeira,
>
> Parti....

Descreve em seguida a travessia do Tejo, que não foi bonançosa.

Passando emfim mil fracassos
cheguei de Almada á ribeira,
que assás andou desalmada
em me dar uma só bêsta.

Puz-me n'ella, e em dous brincos
que me fez, mostrou de pressa
quão mau serei para frade,
pois que não paro na cella.

A bêsta deitou-o ao chão. Tornando a cavalgar, foi seguindo para Setubal, apesar da chuva e do vento, abrigado com uma capa de pano.

Puz-me emfim dentro em Setubal,
aonde a minha tristesa,
bem que parte como espada,
ficou como espada velha.

Em Setubal demorar-se-hia certamente entregue aos prazeres do amor que então o enfeitiçavam.

Aqui d'essas novas fico,
esperando as borboletas,
se merece boas novas,
quem manda tão más novellas.

Foi o caso do tiro que parece ter resolvido definitivamente Antonio da Fonseca a renunciar ao mundo. Só então, pela voz do bacamarte, percebeu a vontade de Deus. Veio de Setubal a Lisboa e consultou o padre Filippe da Conceição, religioso terceiro, que por sua vez o remetteu ao

carmelita descalço frei Antonio de Christo. Ambos foram de parecer que Antonio da Fonseca devia aproveitar a inspiração redemptora com que Deus lhe illuminára o espirito.

Ouvidos os dois consultores, dirigiu-se ao provincial dos Algarves frei Francisco de S. Paulo, ao qual expoz o seu proposito.

O prelado receiou da inconstancia de uma tal resolução. *Metteu tempo de permeio.* Alem de que, era preciso, diz o padre Godinho, que Antonio da Fonseca se tirasse primeiro de alguns crimes que havia commettido.

Parece pois que o incidente de Setubal dêra logar a qualquer processo criminal, em que a responsabilidade de Antonio da Fonseca se achava envolvida. Ia já muito tempo passado sobre o duello da Vidigueira para suppormos que o padre Godinho lhe faz referencia. De mais a mais accresce a circumstancia de que, não obstante ter Antonio da Fonseca matado o seu contendor, podéra sentar praça em Moura, o que prova que a accusação, que elle receiára, não havia prevalecido.

Seguindo a indicação do provincial, que quizera metter tempo de permeio, Antonio da Fonseca tratou de livrar-se da acção da justiça e voltou ao serviço das armas, occultando o proposito em que estava de mudar de vida.

Foi entretanto promovido ao posto de capitão do exercito «por despacho de seus serviços.» Esta nova qualificação militar não o desvairou, se bem que o seu espirito estivesse mal abroquellado contra as tentações do mundo, que veio a sentir ainda. Vel-o-hemos.

Publicamos em seguida, e na integra, um documento importante para a reconstrucção da vida militar de Antonio da Fonseca Soares. Folheamos, pagina a pagina, na Torre do Tombo, vinte e cinco volumes do *Registo de alvarás, patentes, cartas e ordens de 1659 a 1662,* na esperança de encontrar algum diploma relativo a Fonseca, e só n'esse volume, o vigessimo quinto (pag. 102 v.), se nos deparou a carta patente que o promoveu a capitão de infanteria, sendo que o padre Godinho e o auctor da *Historia de Varatojo* dizem *capitão de cavallos.*

Eis o documento:

«D. Affonso etc. faço saber aos que esta minha carta patente virem que tendo consideração as calidades e merecimentos que concorrem na pessoa de Antonio da Fonseca Soares, e aos serviços que me tem feito do anno de seiscentos e cinquenta a esta parte achando-se em muitas entradas de Castella, encontros e pelejas que se offereceram com o inimigo, sendo de sua muita parte *(sic)* de se aprisionarem um tenente, e nove soldados com

seus cavallos senallandosse em todas estas occasiões com gram valor, e vindo do Brazil na capitania entendendo o General da Frota que a armada de Inglaterra a esperava despondosse a pellejar com ella pela boa opinião que tinha delle Antonio da Fonseca o encarregára do castello de pôpa, e ultimamente assistir na campanha de Olivença com todo o bom procedimento e satisfação e por confiar delle que em tudo de que o encarregar corresponderá inteiramente á confiança que faço de sua pessoa, Hei por bem e me praz de o nomear como por esta carta o nomeio por capitão de huma companhia do 3.º que de novo mando formar em Setubal do qual he mestre de campo Dom Manuel da Camara o qual posto servirá emquanto o Houver por bem e em elle haverá de soldo por mez quarenta cruzados pagos na forma das ordens e todas as honras, graças, preheminencias, liberdades, mercês e franquezas que de direito lhe pertencem, E para elle Antonio da Fonseca Soares haver de entrar neste posto lhe hei por suprido todo o tempo de serviço que lhe falta pelo capitulo 15 do Regimento das Fronteiras no qual dispenso com elle sem embargo de se não declarar o que tem de menos. Pello que ordeno ao Governador das armas de Setuval lhe dê a posse desta companhia jurando primeiramente de satisfazer as suas obrigações e ao mestre de campo

deste 3.º lha deixe exercitar livremente e aos mais officiaes e soldados della obedeçam e guardem suas ordens como devem e são obrigados e o soldo referido se lhe assentárá nos livros a que tocar para lhe ser pago a seus tempos devidos. Por firmesa do que lhe mandei passar esta carta por mim assignada e sellada com o sello grande de minhas armas. Dada na cidade de Lisboa a 20 de janeiro. João de Mattos a fez anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1661. Francisco Pereira da Cunha a fez escrever. Rainha.»

Está lançada á margem uma apostilla auctorisando a permutação de Antonio da Fonseca Soares, capitão da companhia do terço pago de Setubal, com Antonio de Sande, capitão do terço de que no exercito do Minho é mestre de campo Alvaro de Azevedo Barreto. Tem a data de 11 de janeiro de 1662.

E apostillando a carta patente:

«Por resolução de Sua Magestade de 27 de agosto em consulta de 26 de 1660.»

Foi tambem na Torre do Tombo que se nos deparou [1] o documento pelo qual viemos a saber que Antonio da Fonseca Soares havia sido conhecido no seculo pela antonomasia de *Capitão Bonina*.

Encontra-se esta interessante noticia n'uma pas-

[1] Por indicação do nosso presado amigo o sr. L. A. Palmeirim.

sagem das memorias do convento de Jesus em Setubal, escriptas, como já mais longe dissémos, por soror Anna Maria do Amor Divino.

Diz a freira:

«No anno de 1679 prégou uma fervorosa missão n'esta villa o veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, filho d'esta Provincia dos Algarves. Como tinha militado n'esta Praça, onde fôra capitão de infanteria no tempo de seus desenfados, que lhe mereceram o renome de *Capitão Bonina;* quando já missionario apostolico em Varatojo, fundação sua, quiz aqui vir prégar desenganos com a voz, e corrigir seus escandalos com os exemplos de sua santa vida. Prégou varias vezes em nossa Igreja ao povo, e outras só ás freiras á porta fechada. Este foi um grande soccorro, que Deus enviou ás poucas madres observantes; porque ao trovão evangelico, que atroava no pulpito, cahiram raios da graça nos corações de algumas freiras que confessando-se ao venerando Padre, a seus pés deixaram o peso das relaxações, para correrem ligeiras ao caminho da observancia.» [1]

A alcunha de *Bonina* é por si mesma indicativa da galanteria romantica e da bossa poetica de Fonseca, todo dengoso em florescencias de coração ardente.

Vê-se claramente que Antonio da Fonseca era

[1] Memoria IV, § XXIV.

muito conhecido no convento de Jesus, onde a impudencia das suas aventuras passadas — de que aquelle convento haveria sido theatro — se conservou tão viva na memoria das freiras, que, apesar de elle se ter alistado na milicia sagrada de S. Francisco, procuravam abalal-o, com recordações tentadoras, na intenção de regenerar-se completamente.

Soror Anna Maria do Amor Divino conta, no seu manuscripto, o seguinte caso:

«Conservou a tradição que, entrando n'esta clausura o veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas a confessar uma enferma, sua dirigida, no anno de 1679, em que prégou missão n'esta villa, uma das guardas lhe foi repetindo estes versinhos:

Tomei um caldinho
por certo bem feito,
delicado ao gosto,
de sustancia ao peito.

«O veneravel Padre, conhecendo n'elles a musa travêssa, que em outro tempo lh'os dictára, parou cheio de pejo, e ira santa. = Oh, madre, não repita isso, que foi feito por um doudo. Ora esta descocada freira havia de ser uma das discretas do convento, e havia de ir alli a abbadeça; e atreveu-se uma a dizer tanto, outra a lho soffrer, na presença de um varão de tal respeito, e virtude!

Que seria na presença de quem infundisse menos veneração.»[1]

Segundo o testemunho de soror Anna Maria do Amor Divino, uma das freiras fôra causa de duas mortes. Este facto bastaria a indicar quanto a chamma do ciume abrasava, em torno do convento de Jesus, o coração dos freiraticos. Por isso pendêmos a crêr que o attentado contra Antonio da Fonseca proviria d'igual causa. Os documentos que citamos abonam a suspeita.

O prestigio de que no exercito gosava Antonio da Fonseca manifesta-se claramente no trato familiar com pessoas tão importantes como D. Luiz Coutinho e o mestre de campo da Beira, Diogo Gomes de Figueiredo. Duas composições, ambas publicadas na *Fenis renascida,* dão testemunho d'isto. A D. Luiz Coutinho pedira o poeta que dispensasse de ir á guerra certo soldado auxiliar,

> porque ficou tão moido
> de uma pendencia de Venus,
> que inda lhe sua o topete
> se cuida n'este successo.

Procurando novamente o provincial, obteve d'elle patente para tomar o habito no convento de Evora, onde foi admittido em 18 de maio de 1662.

Dois dias depois da admissão, escrevia frei Antonio das Chagas a um de seus irmãos:

[1] Memoria IV, § XVIII,

«Meu irmão. Foi Deus servido de querer, que esta ovelha perdida se restituisse ao seu rebanho, e conhecesse os seus erros; e desejando de empregar em melhor guerra o que me ficava de vida, troquei o serviço d'El-Rei pelo serviço de Deus. E dia da Ascenção (sem que o soubesse ninguem do mundo) tomei o habito n'este convento de S. Francisco de Evora, d'onde avisei a minha mãe, e a parentes, e a Lisboa aos amigos, que me faziam mercê; e fico tão consolado com os favores do ceu, que os maiores imperios da terra rejeitára eu, se fôra grande principe, por dar (ainda que o menor dos homens) este triumpho a Deus. A todos esses senhores meus amigos dai muitas lembranças, e pedi me encommendem muito a nosso Senhor, para que persevere n'este caminho da salvação. Dae a minha mãe grandes consolações, persuadindo-a que dê muitas graças a Deus por esta mercê, que me fez; e Elle vos guarde como desejo. Evora, 20 de maio de 1662. Irmão, e amigo. *Frei Antonio.*»

Durante o noviciado foi seu mestre e confessor o padre frei Antonio da Madre de Deus, que o apontava como exemplar de noviços.

Creio piamente que a suavidade do espirito, no repouso do claustro, fosse grandemente consoladora para frei Antonio, que chegára ao convento de Evora açoutado das tormentas do mundo.

Mas a serpente esconde-se ás vezes para melhor fazer salto. Emquanto a serpente se occultava nas dobras do habito, frei Antonio escrevia:

«Eu, seja Deus muito louvado, vivo aqui tão satisfeito com o gosto do meu estado, que tenho por usura ter deixado pelo burel as ostentações da maior gala, e pelos nadas de não ter proprio todos os favores, e esperanças da fortuna; porque certo, meu irmão, que os sabores que acha o espirito em estes desapêgos, são effeitos d'aquella graça, com que Deus assiste aos que o buscam; pois não é crivel a suavidade, com que sinto satisfazer-me, nem explicavel o desejo, com que pertendo reformar-me. Esta vida, que foi a todo o mundo toda escandalos, e toda culpas, quizera eu que fosse agora toda exemplos e toda emendas...»

Corrido pois o anno do noviciado, n'esse bem-estar de uma alma que repousa dos cansaços do mundo, ordenou o prelado maior de toda a provincia que a profissão de frei Antonio das Chagas se realisasse a 19 de maio de 1663.

Preparou-se para este acto solemne a capella-mór da egreja de S. Francisco de Evora. Estava reunida a communidade para assistir á cerimonia, e a egreja cheia de gente que procurava refugio ali para as balas com que os soldados de D. João de Austria, que cercavam a cidade, a metralhavama

Succedeu porem que um projectil de artilheri.

entrára pela porta da egreja e fôra cahir junto do habito que o professando devia vestir. Este successo foi tido como milagroso, e indicativo de que as balas do mundo, que ainda pretendiam rasgar aquelle habito, já lhe não podiam causar damno.

Mas a verdade é que o espirito de frei Antonio não fôra tão invulneravel como o habito aos projectis que vinham de fóra.

Transferiu-se a cerimonia para a capella que n'aquella egreja se chama *Casa dos ossos,* e que é dedicada ao Senhor dos Passos.

Tenho d'essa capella uma impressão desagradavel. As paredes, revestidas de ossos humanos, põem no espirito uma impressão de terror, que esfria o sangue. Sente-se a gente ali fulminada por esse inusitado aspecto das ruinas cadavericas da humanidade, expostas á luz funebre que passa atravez de estreitas janellas.

Frei Antonio descreve, n'uma das elegias que se acham publicadas, a capella em que professou:

> Na perspectiva de paredes quatro,
> ou das Parcas se affirma architectura,
> ou da morte se ostenta amphitheatro.
>   Não pois já do de Epheso a estructura
>   se jacte de haver sido maravilha,
>   e menos de Artemisa a sepultura:
> Que á luz menor, que n'estas sombras brilha,
> Grecia pasmada os seus milagres postra,
> e o orbe todo os mausoleus humilha.

> Este pois, que passando ás vidas mostra,
> é triumpho das almas presumido,
> quando despojo funeral se mostra.
> De caveiras, e de ossos construido,
> por ser da morte memorial sagrado,
> despertador da vida é repetido.

Frade professo, algumas vezes a vibora escondida no habito de frei Antonio das Chagas parecia querer morder-lhe o coração ainda não completamente fechado ás memorias do mundo.

Assaltavam-n'o recordações dos dias turbulentos da mocidade, accidentada de *tragicas* aventuras:

> Tantas offensas tragicas apuro,
> que tendo a vida de si propria medo,
> fugir de mim solicito procuro.
> E inda que não cuidei sahir tão cedo
> d'aquelle, um tempo *doces embaraços*,
> nó cego d'alma, e do valor segredo;
> Mais que Alexandre de um só golpe os laços
> cortei, por crêr que é mais que vencer mundos,
> fazer a alma o seu idolo em pedaços.

A conversão não era comtudo tão sincera e profunda, que a não turbassem fumos de vaidade terrena.

N'essa mesma elegia ha ainda outras passagens por ventura mais expressivas:

> Verdade é, que inda ferve a natureza,
> se os tons de Marte na memoria escuta,
> e os éccos ouve á tuba portugueza.
> ....

Aqui, Fabio, tambem não passa o dia,
sem que Lusbel de cada objecto faça
encontro, choque, assalto, e bateria.
A fogo e sangue a guerra me ameaça,
porque ao tartáreo imperio se não renda
de uma alma humilde n'este sitio a praça.
....
Bem que me toquem alma o dia inteiro
as memorias do mundo, e n'este assalto
os raios chovam do infernal morteiro, etc.

Sem embargo, frei Antonio das Chagas logrou resistir á corrente das suas proprias recordações. Defendeu-se dentro do habito, e pisou aos pés as ultimas flôres da grinalda da mocidade.

O mesmo não aconteceu a outro mundano celebre, Antonio Ribeiro o *Chiado*, que vestira tambem o habito de S. Francisco, um seculo antes, e que trocára a vida conventual pela de goliardo.

Vinte annos andou arredado da sua ordem, como se deprehende da petição, que, estando preso por castigo monastico, dirigira ao commissario.

Ne recorderis peccata,
n'este triste encarcerado;
que assaz está castigado,
quem a fortuna maltrata
em poder de seu prelado.
....
Que digam frades da ordem,
que mereço ser punido.
Si dirão, que um cão mordido
logo os outros cães o mordem
sem nunca mais ser ouvido

escrevia o *Chiado* n'esse tom faceto com que salgára *autos* e trovas, que mereceram o elogio do seu contemporaneo Luiz de Camões, consocio na bohemia.

E em nome do commissario simulava responder-lhe Affonso Alvares:

> Mas vós, vinte annos a eito
> *non habens memoriam nobis,*
> vivestes por ruim geito
> e diz cá nosso direito:
> *Flagellum dabitur vobis.*
>
> Porque a vida soberana
> leixastes pela mundana,
> e como ovelha fugida
> já de nós mui esquecida,
> vos tornei a esta cabana,
> porque não fosses perdida, etc. [1]

Antes de eu tentar esta monographia, apenas dois escriptores, dos que tenho noticia, demoraram a mão sobre a vida mundana de Antonio da Fonseca Soares. Foram Costa e Silva, [2] a que já me referi mais de uma vez, e o sr. visconde de Castilho (Julio) na sua estimabilissima obra *Lisboa antiga.* [3]

[1] Temos no prelo uma edição critica das obras do Chiado. Trasladamos esta passagem, não da edição de Farinha, mas do manuscripto existente na Biblioteca d'Evora.

[2] *Ensaio biographico-critico,* tomo x.

[3] Tomo IV, pag. 260.

O biographo publicou alguns *romances* profanos do poeta. O archeologo bosquejou a sociedade em que Fonseca floresceu, inquadrando no bosquejo apenas uma das suas trovas galantes. A mim impunha-me maiores deveres o plano, talvez audacioso, de reconstruir a biographia de Fonseca durante a sua passagem pelo seculo.

E' porem com grande justesa de critica que o sr. visconde de Castilho toca, de passagem, o perfil do «Capitão, namorado, e poeta; cantor de trocadilhos mellifluos, e tunante da rua Nova e das hortas de Bemfica; frequentador de oiteiros, e recitador de romances nos serões de mais primor; quebra-esquinas de Alfama, e galanteador perfumado de aguas-rosadas em salões colgados de guadamecins.»

E' um simples esboço, que deixa adivinhar uma synthese.

Agora, se o leitor voltar a pagina, encontrará, em vez do capitão do terço de Setubal, o franciscano do Varatojo.

Aquelle que fôra, como Bocage havia de ser mais tarde, um incensador de mil deidades, quebra o prisma por que uzava contemplar a belleza feminina, e encara-a sob o aspecto terreno dos seus encantos fugazes.

«Perdeu-se o mundo, e foi Eva o principio. Perdeu-se a cidade de Sichem, e foi Dina a occasião.

Perdeu-se Troya, e deu Helena a causa. Perdeu-se Hespanha, e foi Cava o motivo. Perdeu-se Inglaterra, e foi a Bolena o fundamento. Perderam-se outros muitos reinos, e monarchias, em que concorreram mulheres para as ruinas.»

E' um trecho de sermão de Chagas. Transcrevemol-o porque n'elle avultam bellesas oratorias de Vieira, e porque é um saliente reverso do seu espirito no tocante aos perigos do feminino.

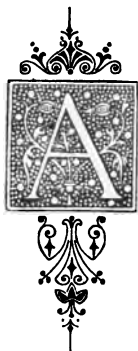
No *Desengano do mundo* os primores litterarios e a transformação moral accentuam-se ainda mais. Chagas e Vieira encontram-se na descripção da formosura. Diz o varatojano: «Que é (a bellesa) mais que um feio cadaver com mais poderosa attenção encarnado? Que é mais que um pouco de pó com mais uniforme geometria composto? Que é mais que um nascer para luzimento, um viver para precipicio, um acabar para desengano? Que é mais que uma perfeição, que nasce para credito da natureza, vive para oráculo da idolatria, morre para escarmento da confiança?»

Quanto conseguiu transmudar-se aquelle homem!

II

O FRADE

«... sou tão miseravel, que como carne pôdre, quanto maior é a chaga, menos é a dôr da ferida.»

Frei Antonio das Chagas.—*Cartas espirituaes.*

A vida religiosa de frei Antonio das Chagas é largamente conhecida, porque justamente como frade e missionario o retratam as chronicas.

A conversão, a principio abalada pelas lembranças do mundo, — clarões que a pouco e pouco foram desmaiando na sua alma, como os de uma chamma que se apaga — consumára-se. Fizera-se completa e profunda. A alma do frade purificára-se lentamente das impurezas terrenas, e etherisára-se nos deleites espirituaes da piedade christã. A firmesa do

seu animo acabou por subjugar as rebeldias da carne.

Como missionario, como prégador, como epistolographo e poeta mystico, toda a gente o conhece.

Sabe-se que em 1679 rejeitára a mitra de Lamego, reputando-se indigno de merecel-a, e que um anno antes instituira no convento do Varatojo um collegio de prégadores apostolicos, de que tomou posse a 6 de maio de 1680.

No *Desengano do mundo* o seu desprezo pelas altas posições ecclesiasticas avulta humildemente. E' este um trecho cinzelado no marmore em que Vieira costumava talhar os ornatos da sua eloquencia; mas passa por sobre o marmore um perfume de lyrios mysticos que faz lembrar Manoel Bernardes na *Luz e calor*.

«Se as mitras, assim como logram as rendas da Igreja se isentáram dos fóros da sepultura, nem podia anhellar melhor púrpura, que um roquete, nem podia conseguir melhor corôa, que uma theára, a fortuna; mas se ellas não se livram das injurias do tempo, nem com se recolherem a sagrado, quem se ha de fiar de um bem, que sendo beneficio, que concede a razão ao merecimento, ha de ser penção, que pague a natureza ao destino?

«E se nem a mitra vale a immunidade do sagrado, se nem a arvore vale a robustez do tronco,

se nem ao diamante vale a dureza da pedra, se nem á fortuna vale a ligeireza da roda, se nem á flôr vale a presença da primavera, se nem á monarchia vale o respeito da magestade, se nem ao amor vale a desculpa de menino, se nem á fonte valem as lagrimas da penha; de que serve a fonte, se quanto mais se busca mais foge?

«De que serve o amor, se quanto mais se vê mais cega? De que serve a monarchia, se quanto mais honra mais pesa? De que serve a flôr, se quanto mais cheira mais murcha? De que serve a fortuna, se quanto mais exalta mais humilha? De que serve o diamante, se quanto mais brilha mais se endurece? De que serve a arvore, se quanto mais cresce mais se corta? De que serve a mitra, se quanto mais sagra mais unge?»

Em Vieira sobeja o esculptor, mas falta o poeta, comquanto hoje se conheçam versos seus. E' grande, mas frio. N'esta prosa do padre Chagas, ao mesmo tempo que vae cantando o scopro na mão do estatuario sobre o marmore, ouve-se, á mistura, o soluçar longinquo de uma lyra de poeta, que se aparta do mundo. E' que nas lyras dos poetas desilludidos fica por muito tempo a resonancia do canto do cysne moribundo. Nos poetas é realidade o que nos cysnes é fabula.

Conta o bispo do Grão-Pará que Frei Antonio das Chagas disséra um dia no pulpito a D. Pedro

II: «*Non licet tibi habere uxorem fratis tui*»; e que um aulico aconselhára o rei a que lançasse o frade ao Tejo.

O principe respondeu: «A um homem, que *calca mitras,* faremos isso?[1]

Alludia o rei á renuncia da mitra de Lamego.

A narrativa do bispo do Grão-Pará é inteiramente acreditavel, porque se conforma com a austeridade rude com que o varatojano prégava na côrte de Pedro II fulminando as gerações adulteras, *generatio mala et adultera*, lembrando os erros de David e Saul, e comparando os principes e senhores do mundo ao sol e á lua, que, se se eclypsam, logo todos o notam.[2]

N'uma carta, escripta de Evora a uma religiosa, falla Frei Antonio das Chagas, com doce humildade, da renuncia da mitra. Confessa que os seus irmãos em religião lhe reprehendiam o passo que déra. Mas elle mostra-se alegre e convicto da sua resolução: «Um mosquito não tem hombros para um monte, uma hervinha debil, e inutil affoga-se com pouca agua, não é necessario um mar: mar era o favor, com que Sua Alteza me queria encher, etc.»

N'outra carta diz: «Desde que tenho andado n'estas Missões, e vejo a vida dos bispos, e os tra-

[1] *Memorias* já citadas.

[2] *Escola de penitencia*, sermões quarto e quinto.

balhos que teem, e ás vezes com pouco fructo, desejo não cessar de dar graças a Deus pelo grande perigo de que me livrou; dê-lh'as V. M. tambem por mim.»

O trabalho e pobreza do Varatojo encantavam-n'o como um jardim de delicias espirituaes.

«E' certo que é maior o trabalho do Varatojo, que o de Lisboa, porque é assistir a todas as horas do côro, lição, exercicios, communidades, visitas, cartas, successos, e impertinencias de cada hora, e cada momento, e me pesa de não fazer mais que o que posso.»

«... Varatojo para mim é o mesmo que Lisboa, assim pelas occupações de dentro, como pelas frotas, que vem de fóra.»

Quanto á pobreza do convento:

«Todos os que estamos n'este convento, tomamos resolução de viver segundo a mais estreita, e pura observancia da regra, e pobreza do nosso Padre S. Francisco, sem ordinaria, nem cousa alguma certa, nem esmola annual, nem esmola de missas, habitos e sermões, e como totalmente se fecha a porta a dinheiro, não é necessario syndico, e sem elle fazemos conta de viver, fundados na palavra, e providencia de Deus que diz em o santo Evangelho, que não cuidemos no que havemos de comer, e vestir, e que olhemos para as aves do Ceo, de quem tem cuidado o Pai celestial.»

Trecho de uma outra carta em que falla da «paz suave» do seu Varatojo:

«Com a erecção d'este seminario foi grande a alegria d'estes povos: seja tudo para maior gloria de Deus. Tudo o que dizem de mim sobre este ponto, cuido que me faz proveito; porque acho que me faz harmonia a uma paz suave, que n'elle sinto, e um grande amor, que foi, e é dadiva de Deus, etc.»

Mas as solicitações dos prelados iam, de toda a parte, bater á porta do Varatojo reclamando o missionario.

«Agora me chama de mais a mais o senhor Bispo de Miranda com grande força, representando-me, que o seu bispado tem mais necessidade que todos, e assim é verdade, porque n'aquellas terras, que são as peiores de Portugal, não ha conventos, nem prégadores, e assim tudo é uma mata brava de vicios, e ignorancias, e malicias, e é necessario muito tempo, porque quem lá fôr, deve correr toda a provincia de Traz-os-Montes, etc.»

As virtudes do franciscano faziam-n'o ouvido e respeitado de pessoas gradas; não admira pois que lhe fosse offerecido o governo de uma diocese.

Simão de Vasconcellos, escrevendo para Inglaterra a seu irmão, o infeliz conde de Castello Melhor, que procurava obtêr licença para repatriar-se, dizia-lhe:

«... a Rainha senhora é de tudo e como faz tanta confiança no Duque (de Cadaval) tudo o que nos toca tem ali o maior obstaculo; assim me dizia *Frei Antonio das Chagas*, que não havia mais que ter paciencia, que não se podia esperar do governo presente cousa que nos estivesse bem, que elle assim o reconhecia pelo que ouviu e que só a ilha da Madeira V. S. conseguiria querendo ir para ella, mas que no reino não consentiriam a V. S.; que quanto ás intercessões da Rainha (de Inglaterra) eram muito boas, mas que aqui se estimavam pouco, e que caso quer V. S. que d'ellas se faça se o Duque chegou a dizer quando foi do principio d'esses trabalhos que se a mandassem para cá, que ali estava o Sacramento e que não vinha romper a guerra com Inglaterra; dizem que S. M. não póde saber o que lhes convem, e que a sua conservação está deante de tudo, e que está só segura não estando V. S. no reino, emquanto el-rei fôr vivo; isto me disse Fr. Antonio das Chagas com bem magua sua, segurando-me que não tinha deixado de dizer tudo o que julgava conveniente e pio a este proposito, assim que a paciencia é o melhor remedio em tudo...» [1]

O convento do Varatojo, proximo a Torres Ve-

[1] *O conde de Castello Melhor no exilio*, por Fernando Palha, pag. 151.

dras, havia sido fundado por D. Affonso v, no anno de 1470, e povoado de franciscanos de Alemquer, que o rei escolhera para esse fim.

Frei Fernando da Soledade, no tomo III da *Historia seraphica,* dá completa noticia da fundação do convento do Varatojo, que, como se sabe, se acha edificado no termo de Torres Vedras, para o nordeste.

Da etymologia do nome e da situação do convento escreve o chronista:

«A sobredita calçada, que se despede da villa, depois de passar o valle, sóbe por um monte fertilissimo, em cuja descida pela parte contraria acha o logar de Varatojo, distante um quarto de legua do mesmo valle. Consta de poucos moradores, mas é muito nomeado por contemplação do convento, que pela visinhança do territorio tomou o seu appellido. Refere o auctor declarado que lhe procedera este nome *Varatojo* de haver n'elle uma vara de lagar feita do pé de um tojo, o qual se tinha creado no valle que se deriva da sua ladeira, aonde a valentia da terra quiz provar suas forças, produzindo algumas plantas, e fructos, que na bondade, e grandeza se estimam por admiraveis: e n'este mesmo convento se creáram limões tão formosos, que medindo-se um, tinha tres palmos de roda. Parece incrivel, mas nós o julgamos por certo, segundo a verdade que temos das relações

d'esta casa. Da vara testemunharam muitas pessoas de credito no anno de 1600, e contra quem diz que viu, não prevalecem discursos do entendimento, nem reparos da razão. O nome proprio d'este religioso convento é *Santo Antonio*, o qual lhe assignou o seu fundador el-rei D. Affonso V, pela rara devoção que tinha a este glorioso santo...»

O auctor da *Historia de Varatojo* qualifica aquella etymologia de *mera patranha,* por não ser verosimil que uma planta rasteira bracejasse tão fórte vergontea. Mas, em nota ao texto, acceita o facto como phenomeno da natureza, nunca mais reproduzido.

D. Affonso V manifestou sempre, pelo convento que fundára, uma especial consideração.

Na sachristia ainda se conserva, roida pelo caruncho, detriorada pelo tempo, a cadeira em que costumava sentar-se.

Referindo-so a este rei, e ao convento de Varatojo, escreve o auctor da *Historia seraphica*:

«Em este que descrevemos fez tribuna para si, com porta para o côro, mas fechada com madeira para o vão do templo, e sómente com um postigo, pelo qual ouvia missa, sem ser visto do povo. Da parte do adro tinha janella aberta, d'onde se patenteava aos pobres de Jesus Christo, quando lhes manifestava o coração nos lances da caridade.

Esta sua casa era muito pequena, e a *cadeira que n'ella tinha, era de pau, e do feitio de um banco com encosto...* »

A janella de D. Affonso v é pois a que fica no angulo externo do côro..

D. João II esteve em Varatojo com a rainha D. Leonor, depois do desastre de Santarem, que motivou a morte do principe real.

«Como a princeza foi partida de Santarem, diz Garcia de Rezende, logo a rainha se partiu para o mosteiro das Virtudes, e d'ahi para Alemquer, onde el-rei veio ter com ella, e ambos se foram ao mosteiro de Varatojo, onde por devoção estiveram alguns dias, e d'ahi foram ao logar de Colares, junto de Cintra, d'onde el-rei mandou fazer o aposentamento da côrte em Lisboa, para se ir lá.»

O chronista da *Historia seraphica* segue a par e passo as transformações por que foram passando a egreja e o convento sob a protecção dos soberanos e das familias dos mortos illustres ali sepultados, até á epocha em que frei Antonio das Chagas estabeleceu no Varatojo um collegio de prégadores apostolicos.

Aproveitarei a occasião de reunir algumas noticias, relativas ao convento de Varatojo, que en-

contrei na Torre do Tombo na collecção denominada *Conventos diversos.*

Existe na Torre (maço 42, n.º 45, armario 12 da Casa da Corôa) o decreto do Papa Innocencio XII concedendo aos religiosos do Varatojo todos os privilegios, indultos e graças de que gozavam os outros religiosos de S. Francisco.

Causou-me extranhesa o facto de na Torre do Tombo no livro de inventarios de Varatojo, (Vol. 69 de *Conventos diversos*) que principia em 1672 e vai até 1731, não encontrar nenhuma noticia relativa a frei Antonio das Chagas, nem mencionado o seu nome entre os frades moradores de Varatojo, nem como signatario dos inventarios que se fizeram até á data da sua morte. No inventario relativo ao anno de 1686, que é o primeiro depois do seu fallecimento, não ha a menor referencia ao padre Chagas.

Vem a ponto dizer que n'este inventario de 1686 encontrei noticia de, *no principio d'aquelle triennio,* ter havido incendio no Varatojo, ardendo nove cellas do dormitorio grande, livros, etc.

Inventario para este convento, e seminario de Varatojo. Feito em 20 de agosto de 1714. Sendo guardião

o *Padre Frey Manoel da Barca*. (Volume 68 da collecção *Conventos diversos*).

D'este livro se vê que datam de então as obras da capella-mór, tal como está hoje.

«A Capella mayor, que dantes parecia indigna morada do Santissimo Sacramento, pozérão os nossos bemfeitores na forma em que hoje se vê; com sua Tribuna, com casa feita para ella *a fundamentis;* as suas paredes ornadas com quatro payneis do retábolo antigo, com suas mulduras de entalhado; e na mesma fórma as genellas (sic), que se abrírão de novo; e o mais restante das paredes com azulejo fino, que contém alguns milagres de Santo Antonio nosso padroeyro.»

O ultimo inventario d'este livro é de 1809.

No inventario feito em 1714 lê-se, textualmente:

«No corredor se posérão sette confessionarios para molheres ficando os confessores no grosso das paredes, e as molheres á face da parte da Igreja: com o quê, não só o corredor ficou servindo de secar a Igreja, mas de a desocupar dos confessionarios que dantes a embaraçávão.»

No volume 70 dos *Conventos diversos* lê-se o seguinte registo:

«Aos 25 de outubro de 1758 propoz o Ir. Gar-

diam ao Ir. Director, que tendo ordenado o N. P.e Visitador na visita proxima passada, que nenhum Religioso conduzisse, nem concorresse de sorte algua para que viessem mulheres para este sitio de Varatojo, ainda que fosse a titulo de espiritualidades ou direcção sem consentimento do Prelado sob pena de não tornar a confessar as taes, queria saber, que se entendia por este sitio; e todos concordárão, e assentárão, que se entendia desde o lugar do Paul para cá, e em igual distancia nas circumferencias. De que tudo mandou o Sr. Gardiam fazer este aviso. — Fr. Joseph da Madre de Deus. — Fr. Francisco de S. Joseph. — Fr. Affonso dos Prazeres. — Fr. Manoel de Jesus. — Fr. José do Nascimento, escrivam.»

Sobre os recursos de Varatojo no seculo passado são curiosos os livros 67, 71, 72 e 73 de *Conventos diversos*, existentes na Torre do Tombo.

Nas *Chronicas de viagem*, que ultimamente dei ao prelo por estimulo de um amigo, descrevi a minha excursão ao convento de Varatojo, no empenho de melhorar quanto possivel esta monographia.

Reproduzo alguns periodos da narrativa, escripta

sob a impressão do primeiro momento, porque elles completam de algum modo a rapida noticia que do convento quero dar:

«Apeiámo-nos no principio da encosta, porque não havia caminho para trem.

«E, subindo, chegámos ao largo do convento, de humilde apparencia, enterrado ao fundo de alguns lanços de escadas.

«Uma cruz de pedra e um velho cypreste dão ao sitio essa physionomia de tristeza que caracterisa os eremiterios pobres.

«Descemos os poucos degráus que dão ingresso para o convento, e entrámos no átrio.

«A' esquerda, uma capella com o Senhor dos Passos. Em frente, o postigo da roda, em cujo bordo havia tres escudellas vasias com colhéres de páu; sobre o postigo esta legenda: *De paupertate nostra frangamus Jesu esurienti panem.* A' direita, uma porta em ogiva com esta simples palavra no topo: *Silencio.*

«Pedimos licença para entrar, e foi-nos concedida. Recebeu-nos o sachristão em habito de franciscano. Mostrou-nos a egreja, em cujo altar-mór ha a notar a obra de talha, o retábulo, os quadros, os azulejos. No corpo da egreja torna-se digno de menção o altar de marmore, excellentemente trabalhado, de uma capella lateral. E' obra recente, executada por um conventual.

«Como houvessemos mandado entregar uma carta de apresentação, veiu acompanhar-nos um padre franciscano, de habito com capuz, cordão, rosario, e sandalias.

«Boa physionomia, alegre e rosada. Fallava sem biôcos. Quando nos tornou a mostrar o altar de marmore, disse para mim:

«— Isto é obra feita no convento. Cá trabalha-se.

«Foi depois mostrar-nos o presepio, e chamou a nossa attenção para a figura que representava um cego tocador de gaita de folles, com borracha de vinho a tiracollo, fazendo-nos notar a circumstancia de que o moço do cégo estava bebendo subrepticiamente o vinho da borracha.

«Levou-nos depois á casa dos retratos, onde eu precisava vêr um, e á casa do capitulo, onde copiei a inscripção de uma sepultura.

«Offereceu-nos na casa dos retratos vinho doce, e bolos. Quizemos deixar uma esmola para o convento: recusou-a. Perguntamos-lhe se vendiam bentinhos, porque os desejavamos adquirir como recordação. Sorriu-se.

«— Que os bentinhos que tinham, eram os que pessoas de fóra davam aos frades.

«Na cêrca offereceu-nos flores, e conduziu-nos até á entrada da matta.

«De caminho respondia com boa sombra ás perguntas que lhe faziamos.

«Disse-nos que havia uma escola para o sexo masculino, annexa ao convento, mas com entrada independente.

«Disse-nos mais que actualmente eram uns vinte os frades, e que o resto do pessoal orçava por quinze homens. Que no convento não entravam mulheres, mas que na povoação havia um recolhimento de irmãs hospitaleiras de S. José com escola para meninas. Accrescentou que viviam pobremente, mas que do seu pouco repartiam com os pobres.

«Mostrou-nos a sachristia, em cujos azulejos, que revestem as paredes, se lêem disticos metrificados em castelhano. Por exemplo:

> Mi coraçon como cera
> Se derrite en dulce ardor
> Con tu fuego, ay Dios d'Amor,
> Si hasta aqui de marmol era.

«Estes disticos devem ser composição de Frei Antonio das Chagas, que versejou gongoricamente em lingua hespanhola, e que no seculo XVII reformou o instituto do Varatojo, depois de ter vivido uma vida mundana de militar aventuroso.

«N'aquella simples quadra, que de industria preferimos, está todo o drama da conversão de Frei Antonio das Chagas.

«Na egreja, no claustro e cêrca encontramos al-

guns camponezes, uns imberbes, outros velhos, orando como em extasi ou lendo livros mysticos. Um d'esses livros, cujo titulo pudemos lêr, denominava-se — *Devoção das Chagas de Christo.*

«E ao cabo de uma visita de hora e meia, sahimos do convento do Varatojo com a extranha impressão com que o poderiamos fazer ha duzentos annos.

«Parecia que o tempo se havia immobilisado no passado!...»

O escorço biographico do famoso varatojano, escripto por frei Fernando da Soledade, é calcado sobre o trabalho do padre Manoel Godinho, impresso em Lisboa no anno de 1687.

Ambos estes biographos se occupam em noticiar largamente as missões religiosas de frei Antonio das Chagas tanto ao sul como ao norte do paiz. «Communmente, diz o auctor da *Historia seraphica,* prégava nas praças e nos campos, porque não havia egreja, que pudesse receber tanto povo; e quando a alva rompia as sombras da noite, já os ouvintes tomavam logar para vêr aquella luz do mundo.»

Em Setubal, n'essa mesma terra onde tantas proezas mundanas o tornaram celebre, prégou frei Antonio das Chagas por varias vezes.

Dois annos antes de fallecer, ali fez ouvir a sua voz em duas prédicas, com intervallo de um mez, apenas. N'um manuscripto existente em Setubal, e assignado por Luiz Soeiros Salvado, vi noticia do cortejo de factos milagrosos que, segundo a tradição, acompanharam as prédicas d'esse anno, 1680.

E' um documento inédito, que devo ao favor do sr. Manoel Maria Portella e que, por desconhecido, transcrevo na integra:

«Aos 29 dias do mez de setembro de 1680 annos, ao domingo á tarde, que foi dia de S. Miguel Archanjo, pôz o Padre Fr. Antonio das Chagas a via-sacra n'esta villa de Setubal e succedeu que estando pondo a cruz que está á ponte que vem para o postigo de Santa Catharina, se armou um grande pé de vento, que veio tam forte, que se deitou a gente no chão, por temer que a levasse pelo ar, e derribou uma das cruzes, que ficavam já postas, e acunhadas com pedras, e logo se armou no ar um grande negrume que fulminava signal de raios, muito medonho e com muitos trovões, e pedindo todo o povo que acompanhava a procissão, misericordia a Nosso Senhor, em alta voz e com muito temor, porque nenhum de nós esperava vêr-se já com vida, que parecia nos sobvertiamos ali por nossos grandes peccados. Queria a misericordia divina que se desfizesse em muito grande chuva,

que houve essa tarde, e sempre fomos continuando esta tão grande devoção da via-sacra, acompanhando todo o povo a procissão e ao Padre Fr. Antonio das Chagas, religioso da ordem do Bemaventurado S. Francisco, que era o author d'esta devoção, e disse no pulpito outra seguinte (?) que o inimigo nos queria perseguir e zombar de nós e estava desesperado de ver a nossa muito grande devoção, e o muito grande amor e contricção com que estavamos já da parte de Deus Nosso Senhor, e arrependimento de nossos peccados.

«Succedeu mais aos 2 de outubro da mesma éra acima, de 1680 annos tremer a terra por espaço de um credo, com muito grande força, pelas 6 horas da manhã, o que deu muito temor n'este povo de Setubal, as lampadas nas egrejas faziam tão grande estrondo, que parecia uma harmonia e algumas pessoas cahiram no chão, por não poderem estar em pé, que o grande tremor de terra as derrubou. Sobre este successo prégou o Padre Fr. Antonio das Chagas ao domingo á tarde, 6 do mesmo mez e éra acima. O tremor de terra foi á quarta feira; e prégou no Anjo da Guarda[1] com o pulpito fóra da porta com todo este povo, que não parece faltou ninguem, e foi o ultimo sermão que fez n'este povo, por esta vez.

[1] A egreja depois chamada do Bomfim, que está ao fundo do campo tambem denominado do Bomfim.

«Fiz este para lembrança em o mez de outubro da mesma éra acima de 1680. — *Luiz Soeiros Salvado.*»

Cabem agora, opportunamente, alguns trechos de cartas escriptas de Setubal por frei Antonio das Chagas:

«Seja Deus bemdito que se tem acabado a missão, mas não as penitencias, desenganos, e maravilhas de Deus, que aqui vemos cada dia, e anda este povo tal, que elle a si senão conhece, estando ha poucos tempos submergido em um mar de vicios, e entregue a comedias, e outras temporalidades, com quem foi a minha primeira guerra, até que Deus as deitou fóra; não ha quem já tenha horror ás cousas de Deus; grandes e pequenos vão á oração, e se andam arrastando publicamente pelas Vias sacras: os prelados, e os mais sacerdotes, e gente principal são as guias. Custou-me muito no principio pôr uma casa de oração na Misericordia, onde estou; já não são menos de cinco n'esta terra, e não cabe a gente n'ellas: institui uma devoção, chamada Escola de Christo com obrigação de toda a pessoa ter meia hora de oração mental, e as mulheres em suas casas todos os dias o Terço de Nossa Senhora, o acto de contricção, e outras cousas sem encargo de culpas, ou gasto; e é para louvar a Deus vêr que não ha em nenhuma esfera quem não abraçasse isto; digo-lh'o, para que

louve a Deus, cuja é a obra, e saiba que vou muito contente d'esta missão, ainda que o diabo se ficou com algum dizimo. D'aqui nasceu na terra tanta inclinação, que querem que eu faça aqui o convento, e que entregue Varatojo á Provincia, e se offerecem todos, e assás conveniencias havia aqui, mais que alli, por ficarem mais capazes os missionarios de repartirem-se para todo o reino, e em povo, onde pódem fazer mais fucto; emfim se Deus me trouxer, fallaremos n'isto.»

N'esta mesma carta ha um relance que diz:

«... mande-me dizer o que lhe parece sobre a fundação de Setuval, que a mim me parece melhor que em outras partes, por ser sitio retirado, em um povo grande junto da côrte, em porto de mar, d'onde para o Algarve, Minho, e Porto pódem ir os missionarios com grande commodidade; e no coração do reino, por onde mais suavemente, que de Torres Vedras nos poderemos repartir; e o principal, porque se restitua Varatojo á Provincia.»

Carta escripta da serra da Arrabida.

Começa por allusões á sua vida mundana de Setubal, campo onde fôra outr'ora a sua Troya peccaminosa. Joga de vocabulo com a palavra *Troya*, que é o nome dado ao local, fronteiro a Setubal, onde jazem as ruinas da povoação romana de Cetobriga:

«Este papel de V. M. me busca na serra da Arrabida, e me acha pouco menos que nos campos de Troya: não aquella, a quem o incendio desfez em cinzas, mas outra, a quem o mar tem submergido em areias.

«Tanta ruina padecemos ás vezes por accendidos, como por areados, tantas pelo fogo, que nos abrasa, como por um mar, que nos cerca; porque se n'aquelle o ardor é o maior perigo, n'este a frieza não vem a ser menor damno. Chegado, ou mal escapado de Troya, onde me vi areado com minhas culpas, porque lá me devia mais advertir-me este dia, que a Arrabida... etc.»

N'esta mesma carta:

«Aqui cheguei a Setuval, para vêr se podia dar principio a um recolhimento, que desejo para certas mulheres.»

Em outra carta, tambem datada de Setubal, torna a referir-se á projectada fundação do recolhimento:

«... que poderei ter n'este povo em um recolhimento de mulheres, que se intenta, e em um oratorio, que em Almada se facilita.»

Os periodos acima transcriptos carecem de explicação.

Frei Antonio das Chagas fôra, como se sabe, um dos fundadores do seminario de Brancannes em Setubal. Não obstante o declinar rapido da sua

saude, assistira, no proprio anno em que fallecera, ao lançamento da primeira pedra, como se vê da seguinte carta que encontramos entre os manuscriptos da livraria do marquez de Pombal, agora existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa por acquisição que d'elles fez o Estado.

Publicamos na integra a carta, que representa um dos ultimos esforços piedosos do virtuoso varão:

«O amor de Deus more na alma de V. M. Meu snr.: Estimo que V. M. passe com a saude que lhe desejo e pesso a Deus seja este snr. bemdito, fico tambem melhorado do meu achaque. A funçam da 1.ª pedra se fez com grande ditta porque a fez luzir o snr. Arcebispo com a presença, autoridade e grandeza. A pedra vinha como obra de João Antunes, e cuidado de V. M. Não podia ser melhor. Estimarei eu muito que o meu agradecimento chegue á minha obrigação,

«Sinto muito a desconfiança de João Antunes e André Dias, porque não quizera eu que este fôra o lucro, do que lhe devo. Mas parece-me que de mim não poderam ter queixa: porque esta obra a ninguem está dada, e como não temos de presente mais que a esmola do snr. Arcebispo não podemos consertar a obra sem o dinheiro necessario e o que ha se vai gastando em se abrir o monte para ver se se acha pedra assim como se achou já

n'elle area toda a que fôr necessaria. Eu em acabando de ajustar algumas cousas passarei a essa banda querendo Deus, e tomaremos logo resolução no que se ha de fazer; e se dará satisfação ao que se deve a esses homens, sendo que eu quizera dever-lhes continuassem no favor que me tem feito de tomar por sua conta esta obra que sei será mais perfeita, feita por elles: e da consciencia de ambos tenho muito bom conceito.

«A' minha snr.ª D. Leonor beijo as mãos: e a V. M. fazem o mesmo estes companheiros e todos desejamos merecer a V. M. a grande mercê e favor que nos faz, e pedimos a Nosso Senhor dê a V. M. as felicidades da alma e da vida e nos guarde a V. M. quanto lhe pesso. Setuval 30 de junho de 1682. De V. M. servo inutil e muito obrigado. = Frei Antonio das Chagas.»

O arcebispo de Lisboa, a que frei Antonio allude, era D. Luiz de Sousa, que fôra effectivamente a Setubal lançar a primeira pedra do seminario de Brancannes no dia 27 de junho d'aquelle anno.

O recolhimento, para mulheres, que elle projectava fundar, e a que se refere em mais de uma carta, foi um projecto que a morte veio apagar no seu espirito. Aproveitaram-lhe a ideia, e conseguiram realizal-a, quasi um seculo depois, os padres jesuitas do collegio de S. Francisco Xavier, de

Setubal: o recolhimento, fundado por elles junto á egreja de Nossa Senhora da Saude, recebeu esta mesma invocação. Foi dirigido pelo padre Malagrida. Hoje é asylo de creanças pobres.

No estio de 1681, voltando frei Antonio das Chagas do Algarve, onde missionára cêrca de um anno, principiou a sentir o extenuamento resultante de seus trabalhos e penitencias. O orador, que d'antes aguentava tres horas no pulpito, como elle proprio revela, e muitas no confessionario, foi acommettido de frequentes vertigens intercaladas de longas somnolencias:

«... dormindo mais do que costumava, não sinto melhoria, e se me quero violentar para não dormir, logo repete a vertigem: como (ainda que sem gosto) comeres de mais substancias, e sinto-me fraco.»

«O Padre Guardião não me consente algum trabalho, e ainda assim estou de condição tão delicada, que se escrevo uma carta, ou leio uma hora, já está perdida a cabeça. Mandam-me não faça nenhuma cousa d'estas, e nem com tudo passo bem.» *(Carta de 12 de agosto de 1681).*

«Quando me dão as vertigens, não me tiram o accôrdo, antes sinto mais vivos os sentidos para o sentimento, excepto o da vista, que me é necessa-

rio» impedir, pelo grande giro, e voltas, com que me atormenta; e então summamente o ouvir fallar: não perco a falla, mas perco totalmente as forças, e quando é grande a vertigem, me provoca o vomito, e é tão grande o tormento, que sinto, que entendo que se me durára mais um quarto, sem duvida morrêra; dura-me a força de ordinario meia hora, e na declinação mais de uma, e os effeitos me duram por muitos dias... » *(Carta de 22 de novembro de 1681.)*

«Hontem tive uma grande vertigem, e com os remedios me achei peior, porque me cresceram os esvaiecimentos, e tudo me é necessario para conhecer a minha miseria, e a grande misericordia que Deus tem de mim, pois me dá tempo, e avisos bastantes para a minha emenda... « *(Carta de 6 de dezembro de 1681.)*

«Depois de se ir N. me achei peior, e uma noite me deu uma grande vertigem, a que se seguiu o dia com uma grande xaqueca, que me durou vinte e quatro horas, tirando-me as forças, e vontade de comer, com que fiquei em grande fraqueza... Sobre o que toca ao sitio (Varatojo), conheço que é humido, e que me póde fazer algum prejuiso, mas não convém mudar-me d'elle para

essa côrte antes de se fazerem certos capitulos...»
(Carta de 9 de janeiro de 1682.)

Assim estava o piedoso varão reduzido a *fazer vida de estatua,* como elle proprio diz: nem missa, nem confessionario, nem leitura.

Frei Antonio das Chagas falleceu no convento de Varatojo a 20 de outubro de 1682, com cincoenta e um annos, tres mezes e vinte dias de idade, dos quaes viveu na religião vinte annos, cinco mezes e dous dias.

«Divulgada a sua morte — diz Barbosa — concorreu todo o povo de Torres Vedras, Trocifal e outras terras visinhas a venerar o seu cadaver parecendo pelo semblante que a alma de que fôra hospicio estava logrando a visão beatifica, e para testemunho da sua veneração o despojaram dos cabellos, unhas, e grande parte do habito, cujos fragmento obráram effeitos superiores ás forças da natureza, e sómente emanados da efficacia da graça dos quaes se fez com auctoridade do ordinario processo authentico com a relação individual das suas virtudes, e prophecias á instancia do mesmo Principe (D. Pedro II) que o venerou igualmente na vida que na morte.»

Frei Manoel de Maria Santissima, na sua *Historia da fundação do real convento e seminario de Varatojo* (vol. I) dá noticia da sepultura de Frei

Antonio das Chagas na Casa do Capitulo, «onde nunca se tinha enterrado corpo algum, nem ainda de religioso.»

Descreve a sepultura coberta com uma campa grande de marmore primorosamente lavrado, na qual, diz textualmente, se mandou abrir ao buril uma estrella, que fica na parte da campa mais proxima ao altar. Copía o epitaphio, mas não respeitou a disposição das lettras, o que nós faremos.

Quando em setembro do anno passado visitei o convento de Varatojo, encontrei na Casa do Capitulo a sepultura de Frei Antonio das Chagas, tal como a descreve frei Manoel de Maria Santissima.

Todavia, por um documento inédito, que me forneceu o erudito bibliophilo o sr. José Maria Nepomuceno, vim a saber que alguem tivera a intenção de trasladar para moimento mais grandioso as cinzas do virtuoso varatojano.

Transcrevo integralmente o documento:

«O Ex.^mo^ e Rev.^mo^ Sr. Dom Fr. Joseph Maria de Evora, que no seculo se chamou Joseph Ribeiro de Affonceca Figueiredo e Souza, foi escolhido e guardado por Deus com altissima Providencia qual outro Joseph para bem da Igreja Universal e amparo de seus irmãos os Frades Menores. Não poude continuar a vocação que teve de ser religioso n'este seminario por occasião de um indiscreto e

menos bem fundado temor, que teve o Guardião que então era d'este seminario de que por causa da sua assistencia n'elle, violasse o Soberano levado de sinistras e falsas informações dos seus menistros, as imunidades de este convento. N'elle assistio quatro mezes, e dera seis dias com tal edificação d'esta comunidade que todos lhe dérão com sumo gosto os primeiros vottos. Com o santo fim de desempenhar a sua vocação, passou, ou para dizer melhor, o levou Deus á Santa Cidade de Roma, onde tomou o habito de Nosso P.e S. Francisco no convento de Orta da Provincia Romana; e ahi professou. D'este retiro o tirou a obediencia dos superiores para os empregos da Religião. Foi leitor de Artes e de Theologia no convento de Ava Cœli: foi secretario Geral de toda a ordem, Procurador Geral, Comissario Geral da Côrte Romana, Comissario Geral da familia Ultramontana, Ex-geral e 1.º Discreto de toda a Ordem, Visitador e Reformador Apostolico da mesma Ordem, Deputado da Suprema Inquisição, Examinador de Bispos, Votante consistorial, Consultor de diversas congregações de Roma, Conselheiro Eclesiastico do Emperador de Alemanha Carlos 6.º, Do Conselho d'El-Rei de Sardenha, Menistro Plenipotenciario de Portugal na Côrte de Roma, Senador perpetuo de Roma, e Nobre Venesiano. Recusou o Bispado de Orisno, Tivoli, e o

de Assis: e diversas vezes o capelo de Cardeal. Foi nomeado pela magnanimidade do Sr. Rey D. João 5.º Bispo do Porto, cuja dignidade aceitou e por esta causa voltou a este Reyno, e chegou a Lisboa em 18 de Dezembro de 1740. Veio a este Seminario em Fevereiro de 1741 fazer os seus exercicios antes de sagrar-se; e em todo o tempo que aqui se deteve com nosco nos deu claros testemunhos da sua muita humildade, sabedoria, prudencia, affabilidade e mais virtudes christans e moraes e sobre tudo de um terno amor a este seminario e a todos os seus Religiosos. Dignou-se de nos rogar o tivessemos para tudo em conta de Irmão nosso, e de filho d'este seminario, como se aqui houvesse professado, como consta do termo assima, o que a comunidade com grande gosto aceitou offerecendo-se a fazer-lhe por sua morte os suffragios que se costumam fazer por qualquer Religioso, que morre filho d'este Seminario. Mandou fazer as grades da capella-mór e acabar as cadeiras do choro: *mandou lavrar no arco defronte da capella da Senhora das Dores o mauzoleo ou monumento para se colocarem as cinzas do Nosso Veneravel P.^e^ Fr. Antonio das Chagas, instituidor d'este seminario com quem tinha rezõens de parentesco:* e mandou fazer outras mais obras. Para que se conserve esta memoria e dure em nós e em nossos successores eternamente o agradecimento a

este Princepe, columna da Igreja, Honra de Portugal, Oraculo de Roma, admiração da Europa, e Gloria de nossa sagrada Religião, fiz este assento n'este seminario de Santo Antonio de Varatojo aos 2 de março de 1741.

Fr. Rodrigo de Christo
Fr. Luiz de S. Ignacio
Fr. Lourenço de Santa Maria
Presidente

Fr. Manuel das Chagas.
Fr. Gonçalo da Encarnação Gama.

(*Livro dos | assentos da recepção | e profissão dos noviços | do convento do | Varatojo | not. a fol. 56. v.* Pertence hoje ao sr. José Maria Nepomuceno.

A ultima assignatura de fr. Antonio das Chagas que apparece n'este livro é no termo de profissão dos irmãos fr. José da Madre de Deus e fr. João de Jesus Maria, lavrado aos 15 dias do mez de novembro de 1681. Este livro começa em 1681 e finda em 1833.

Consultei, a este respeito, um dos reverendos padres recolhidos no Varatojo, que me respondeu o seguinte:

«De fronte do arco de N. Senhora das Dores nunca houve mausoleo, embora Fr. José Maria

d'Evora o mandasse lavrar, e n'este caso ou é falsa a noticia, ou nunca se cumpriu o seu desejo; defronte da capella das Dôres havia antigamente um simples arco, hoje está lá um altar com obra de talha, dedicado ao S. Jesus da Compaixão (como viu), que a piedade dos fieis fez ha pouco levantar, tendo de se retirar então o azulejo, que cobria a parede n'aquelle logar. As cinzas de Fr. Antonio das Chagas repousaram sempre na casa do Capitulo.»

Como o leitor poude verificar, o documento, que o sr. Nepomuceno me facultou, tem authenticidade official. Fica apenas de pé a hypothese de que se não cumpriu a disposição testamentaria de D. José Maria d'Evora, talvez por ser contraria a uma opinião emittida por frei Antonio das Chagas n'um dos seus escriptos, como vamos mostrar.

Diz o epitaphio:

AQUI DESCAN
SÃO AS CIN
ZAS DO VEN.EL
P.E FR. ANTONIO
DAS CHAGAS
MISS.O APOST.CO
E INSTITVIDOR
DESTE SEMIN.O
FALECEO A 20
DE 8.BRO DE 1682. [1]

[1] Desdobramos as lettras inclusas por conveniencia typographica.

Vem a ponto citar o trecho de uma carta de frei Antonio das Chagas:

«No que toca á sepultura, é vaidade que V. M. lhe queira dar outra a sua filha, mais que essa Igreja da Piedade. E ao tempo, em que vêmos na Côrte os Marquezes, e Condes na morte pedirem uma vil sepultura fóra da Igreja, como tendo-se por indignos d'ella; (isto fez o Conde velho d'Atouguia) não é razão que V. M. pobre, e espiritual deseje pompas, nem memorias, nem particularidades. A terra assim como toda é casa commua para a vida, assim é aposento commum para a morte: qualquer basta.»

A sepultura de frei Antonio das Chagas no Varatojo parece ter sido moldada pelos dizeres christãmente humildes d'esta carta.

O auctor da historia do Varatojo diz tambem que os ossos de frei Antonio das Chagas se conservâram sempre no mesmo logar, «á excepção de um queixo de baixo, que lhe falta, e se julga foi piedoso roubo, que fizeram os religiosos de Brancannes, que de Varatojo passâram para aquelle convento, quando se instituiu novo seminario, separando-se da dependencia, e sujeição do seminario de Varatojo, no anno de 1711, etc.»

Accrescenta o chronista que se deu pelo roubo

quando no dia 12 de fevereiro de 1744 foi aberta a sepultura de frei Antonio das Chagas; mas suppõe que a reliquia, que não figurava no inventario de Brancannes, ficaria em poder d'algum religioso.

Pelo que respeita á cella que no Varatojo occupava frei Antonio das Chagas, escreve frei Manoel de Maria Santissima:

«Como tambem se não tem permittido, que religioso algum do seminario, nem ainda guardião assista na cella, em que viveu o servo de Deus, que é pouco maior, que a sua sepultura, pois não tem de largo senão dez palmos, e é a que da parte do norte fica mais proxima á enfermaria do seminario.»

Esta noticia precisa ser completada com a informação de um dos padres do Varatojo, em carta de 24 de novembro de 1888.

«... e comquanto houvesse estado (o seminario) durante algum tempo em mãos seculares, incumbiu-se a Providencia de conservar quasi tudo quanto aquelles santos homens haviam deixado, achando-se portanto o convento actualmente com a mesma feição e fórma que tinha já em tempo de frei Antonio das Chagas. Habitava elle na ultima cella do corredor grande, que olha para a parte do norte, cella em tudo igual á dos seus companheiros, uns pobres franciscanos, que se conten-

tavam com uma habitação simples de 2m,20 de comprimento, por 3m,40 de largo; a piedade dos modernos successores transformou esta cella em uma modesta capella interior, em que se celebra missa algumas vezes, e moveu-os a isso não só a fama da sua virtude, e escriptos, mas principalmente o processo sobre a authenticidade dos seus milagres, instaurado pouco depois da sua morte para obter a sua beatificação.»

Relativamente a este ultimo ponto, diz Canaes que os guardiães de Xabregas, Evora e Setubal fizeram tirar processos sobre a piedade de frei Antonio das Chagas.

Onde paravam? Eis a pergunta que eu fiz ao mesmo padre do Varatojo, que amavelmente me respondeu:

«Quanto ao processo da sua beatificação, processo esplendido e completo da vida de um justo, está hoje em Roma, *para onde foi levado ha poucos annos.*»

Não me demorei dando noticia desenvolvida da morte de frei Antonio das Chagas, porque essa pagina escreveu-a largamente o auctor da *Historia do Varatojo*, que tambem enumerou as trabalhosas e proficuas missões de frei Antonio das Chagas.

Da salutar influencia que este apostolico varão exerceu nas almas que careciam de correcção ou amparo, pouco mais tenho que dizer.

Citarei comtudo um exemplo, forrageado ainda nas *Memorias* do bispo do Grão-Pará.

«Em Odivellas prégava elle (frei Antonio das Chagas) missão em companhia de frei Leandro, e n'este mesmo tempo estavam o mestre frei Ignacio de Athayde, e frei Antonio de Tovar, depois prégador geral. Eram moços, e muita a liberdade das grades d'aquelle miseravel tempo. Emquanto durava a missão não se fechavam palratorios, como hoje se usa. Por ali, pois, se passava o tempo.

«Como os quatro missionarios e monges se accommodavam nos dois quartos da hospedaria atraz da capella-mór — que para seu descanço mandou fazer um conde no tempo da sua devoção d'Odivellas — passavam os dois monges a noute muito fóra dos termos a jogar as tabolas, até que o Chagas foi para dentro do seu quarto e tal disciplina tomou por elles, que de madrugada se recolheram a Lisboa para evitar ao menos o escandalo.»

E' severa a lição dada pelo padre Chagas aos dois religiosos que tinham abancado em serão de jogatina, certamente contagiados pela *malaria* mundana de Odivellas, cujo microbio pathogenico pairava ainda na atmosphera dos conventos ao tempo de Nicolau Tolentino, como se vê de uma satyra sua:

Entretanto um chantre velho,
A quem a rodeira engoda,
E que em fechando o Evangelho,
Vai metter dentro da roda
O seu cachaço vermelho;

Freiratico por fadario,
Tão goloso, como amante,
Condecinhas pelo armario,
E sobre a deserta estante
Manjar branco, e o breviario;

....

Arranca oleoso escarro,
Diz á rodeira um conceito
D'aquelles, que já têm sarro;
Mette os oculos no peito,
Throno de amor, e catarrho.

Frei Antonio das Chagas acabára por subjugar os vicios da sua epocha, que vinham despedaçar-se impotentemente contra a austeridade do seu habito, como as vagas do oceano contra os rochedos do ilheo, que um pharol illumina.

Quasi toda a sua familia, irmãos, irmãs, sobrinhos foram, a seu exemplo, attraidos á vida monastica, com excepção de sua irmã D. Maria Thereza de Zuniga, que casou com Antonio Mendes de Carvalho, e teve geração.

Uma bisneta d'esta senhora consorciou-se com Bernardo Sanches Pereira, alcaide-mór do Barreiro, de que foi bisneto Francisco Sanches Pereira de Gusmão.

Consta-me que ainda ha poucos annos a familia Sanches de Gusmão conservava em seu poder o cordão, grandemente venerado, que pertencêra a frei Antonio das Chagas.

—✠—

Conheço trez retratos de frei Antonio das Chagas; todos trez a oleo.

Um está no Varatojo, na casa chamada *dos retratos*, que abre sobre o claustro.

Este, de corpo inteiro, figura-o de pé, com o habito franciscano, junto a uma meza em que se vê um crucifixo, um tinteiro, e uma caveira.

As feições do varatojano não são delicadas, nem despiciendas. Rosto pallido e comprido, nariz ligeiramente aquilino, sobrancelhas arqueadas, beiços grossos. O bigode, denunciado ainda por um traço azul, devia ter sido espêsso. A physionomia denota a virilidade do antigo capitão do terço de Setubal, menos agraciado do semblante que de forças physicas.

O segundo retrato está na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e foi retocado recentemente. E' de meio corpo. Entre os dois retratos ha inteira conformidade de feições. A estrella da Divina Graça paira sobre a cabeça do frade, e uma pomba, o Divino

Espirito, vem adejando para elle, a inspiral-o. Sobre uma mesa relevam um crucifixo e uma mitra, de que apenas se vê metade, porque em verdade frei Antonio das Chagas fôra, pela renuncia da mitra, *meio bispo.*

Supponho que este retrato estivera em Brancannes, e de lá viera com um outro quadro para a Academia de Bellas Artes, d'onde passára á Bibliotheca Nacional.

O terceiro retrato foi mandado tirar pelas freiras do convento da Madre de Deus, que tiveram por director espiritual frei Antonio das Chagas. Consta-me que ahi por 1860 ainda estava de pé, na *cêrca de fóra*, a ermida onde frei Antonio costumava recolher-se quando vinha a Lisboa ouvir de confissão aquellas freiras. [1]

[1] Os missionarios do Varatojo tiveram um hospicio em Lisboa, á Cordoaria Nova. Foi mercê de D. Pedro II em 1685. O grande terremoto do seculo passado destruiu-o completamente. El-rei D. José, em 1760, concedeu aos varatojanos dous quartos das casas que tinham sido dos jesuitas, na rua da Conceição á Cotovia, para servirem de hospicio aos missionarios em substituição do outro. Dá esta informação João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal.*

José Valentim, no seu *Tombo manuscripto*, existente na Bibliotheca Nacional, deixou minuciosa noticia do primeiro d'estes dois hospicios, isto é, do que o terremoto desmoronou:

«*Rua do Thesouro ou Picadeiro.* Havia o hospital de religiosos do Varatojo, que é de Sua Magestade. Tinha de comprimento incluindo um pateo 38 varas e 6/10, e de fundo 5 varas, 4 p. e 6/10.»

Este retrato, que está hoje, apeiado, na casa chamada dos *Santos*, do asylo de *D. Maria Pia,* onde o vi, é de meio corpo, e inteiramente conforme nos traços physionomicos aos dois antecedentes. Frei Antonio estende a mão para um crucifixo pendente. No topo do quadro lê-se a designação de —*V. P. Frei Antonio das Chagas.*[1]

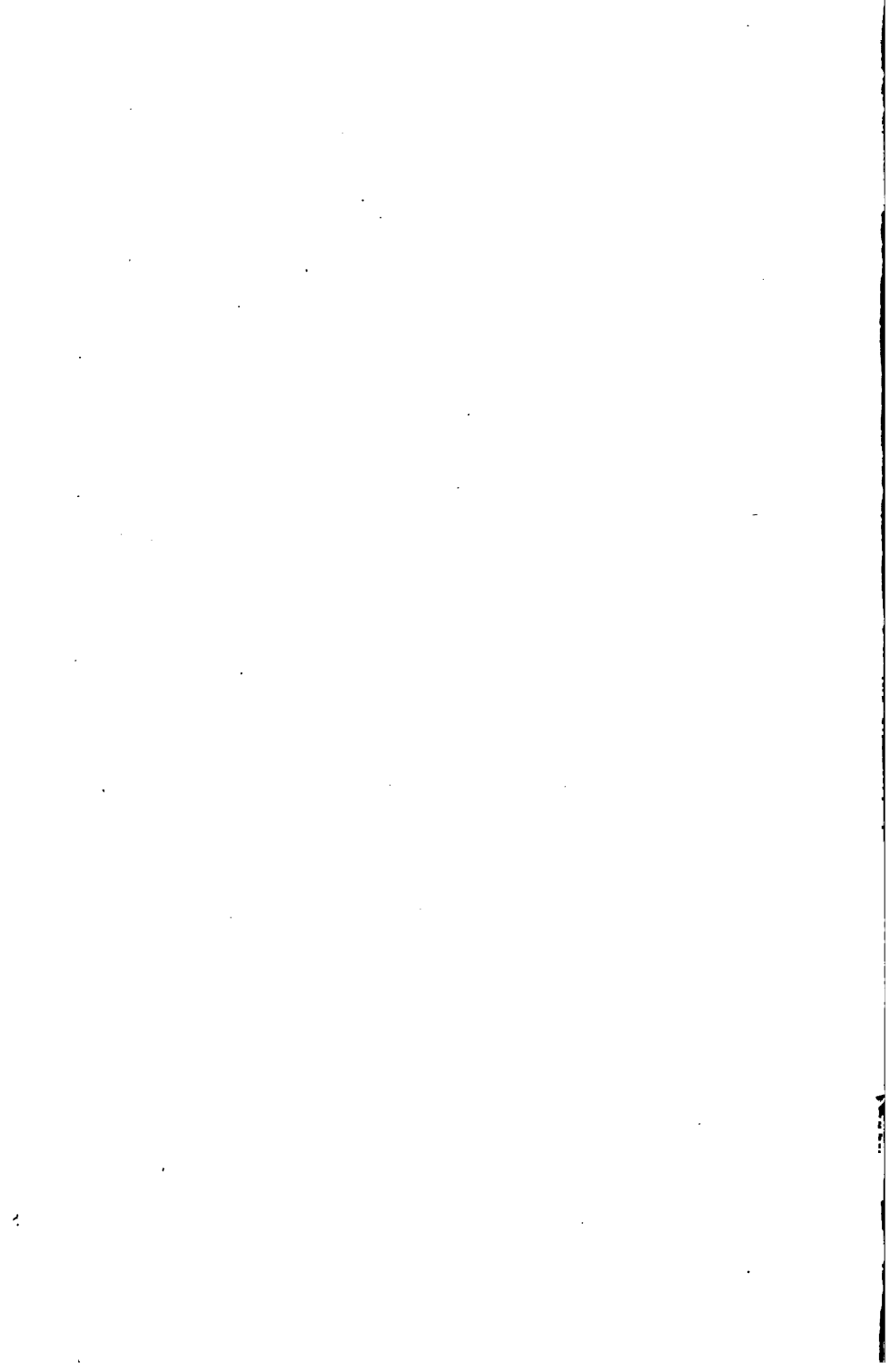
Pela extincção das ordens religiosas, foi o convento de Varatojo, com a cêrca, adquirido pelo visconde de Moncorvo, e, por sua morte, passou a frei Agostinho, um antigo varatojano, capellão da infanta D. Izabel Maria.

Ao tempo da extincção do convento haviam desapparecido todas as alfaias do culto.

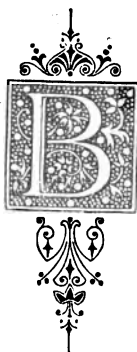
Mas desde que frei Agostinho o foi habitar com dois franciscanos que estavam na serra do Bispo, ao pé de Leiria, vivendo de ensinar latim, philosophia e outras disciplinas, todas as alfaias tornáram, pouco a pouco, a entrar no convento, sem que se conhecesse a sua procedencia. A restituição foi completa e anonyma.

Segundo Canaes, houve em Aldea Gallega um hospicio destinado a frei Antonio das Chagas e aos seus companheiros do Varatojo.

[1] A edição das *Cartas espirituaes*, de 1684 (Lisboa), traz um retrato do padre Chagas.

No Varatojo actual fazem vida de penitencia alguns padres, bem vistos e respeitados pelos povos dos arredores, que todos os dias enviam vitualhas para a mesa frugal da communidade. A' porta do Varatojo, descarregam os almocreves os fardos destinados ao convento, sem que possam dizer os nomes dos remettentes, que piedosamente se occultam.

III

O ESCRIPTOR

> «Queime todos os papeis, que achar. E os meus, se tem algum gosto n'elles, faça-lhes tambem o mesmo.»
>
> Frei Antonio das Chagas. — *Cartas espirituaes.*

BARBOSA, na *Bibliotheca lusitana,* menciona as seguintes obras impressas de frei Antonio das Chagas:

Obras espirituaes, 1.ª parte = Lisboa 1684.

Obras espirituaes, 2.ª parte = Lisboa 1687, 1701, 1715.

Faiscas do amor divino, e lagrimas da alma. = Lisboa, 1683.

O Padre Nosso Commentado. = Lisboa, 1688.

Espelho do espirito em que deve vêr-se, e com-

pôr-se a alma, que quer chegar á união de Deus.= Lisboa, 1683.

Escola da penitencia, e flagello dos peccadores.= Lisboa, 1687.

Sermões genuinos, e praticas espirituaes.=Lisboa, 1690.

Cartas espirituaes, 1.ª parte, com notas de D. João da Silva.=Lisboa, 1684.

Cartas espirituaes, 2.ª parte.=Lisboa, 1687.

Semana santa espiritual, ou meditações pias para qualquer dia d'ella.=Lisboa, 1722.

Ramilhete espiritual composto com as flôres doutrinaes em 12 sermões.=Lisboa, 1722.

Quatro elegias em tercetos portuguezes, que são as que andam juntas á *Vida, virtudes, e morte com opinião de santidade do veneravel Fr. Antonio das Chagas*, pelo padre Manoel Godinho.

Desengano do mundo pelo mais desenganado.= Coimbra, 1743.

Contricção de um peccador arrependido a Christo crucificado.=Lisboa, 1685.

Fugida para o deserto, e desengano do mundo.= Lisboa, 1756.

Fallando dos manuscriptos, diz:

Lagrimas e suspiros vertidos de um pedernal humano a golpes do amor divino (Manuscripto do Convento da Conceição, do Grillo).

Accrescenta que na livraria do convento de Monte Olivete, de agostinhos descalços, havia muitas outras obras inéditas de frei Antonio das Chagas, dedicadas á rainha D. Luiza de Gusmão, entre as quaes *O martyrio de Santa Iria*, em verso heroico.

Referindo-se ás obras que frei Antonio das Chagas composéra no estado de secular, cita Barbosa, tambem como manuscriptos, *Filis e Demofonte*, poema heroico; grande numero de romances [1] profanos; *Descripção da victoria que alcançaram em 14 de janeiro de 1659 os portuguezes na campanha de Elvas das armas castelhanas, em 49 oitavas.*

Costa e Silva, no *Ensaio biographico-critico* (tomo x), cita o poema *Filis*, a cujo respeito escreve: «... de que queimou todos os exemplares, que poude haver á mão, tornando-a tão rara, que tendo-a procurado com todo o interesse que sempre puz em adquirir livros, nunca vi d'ella senão trez exemplares, e todos trez manuscriptos.»

Dá largos excerptos de dois *ensaios epicos*, a esse

[1] A denominação de romance, dada a uma composição poetica, e muito em voga no seculo XVII, é antiga na peninsula, como nota Duran, pois que apparece em tempo de S. Fernando, a quem deve ser anterior, visto que Nicolau, alcunhado *dos Romances* (Nicolas de los Romances), não se chamaria assim, se já então os não houvesse.

tempo já publicados, logo diremos onde: *Mourão restaurado* e *Victoria das linhas d'Elvas.*

Tratando das poesias lyricas de frei Antonio das Chagas, publica extractos das elegias religiosas que andam estampadas com a biographia escripta pelo padre Manoel Godinho, mas põe no seu trabalho uma nota interessante sobre a vida mundana de frei Antonio das Chagas trasladando alguns dos romances e sonetos profanos.

Todavia contenta-se apenas com uma rapida noticia, receioso talvez de percorrer uma epocha da vida de frei Antonio das Chagas que os seus panegyristas rapidamente sacrificaram á phase mystica.

Innocencio, além das obras mencionadas por Barbosa e das suas differentes edições,[1] cita mais:

Carta do veneravel Padre Frei Antonio das Chagas escripta a um amigo seu, depois de ser religioso. =(Coimbra, 1738): que principia «*Tão descuidado, amigo Fabio,* etc.», tambem attribuida a D. José Pereira de Lacerda.

[1] *Cartas espirituaes*, 1.ª parte, Lisboa, 1684; 2.ª parte, Lisboa, 1687. Obra completa, Lisboa, 1736. — *Obras espirituaes*, Lisboa, 1684, 1701, 1762. — *Escola de Penitencia*, Lisboa, 1687, 1738, 1763. — *Sermões genuinos*, Lisboa, 1690, 1737, 1762. *Ramalhete espiritual*, Lisboa, 1722, 1764.

Das *Cartas espirituaes*, sob o titulo de *Viva Jesus*, conhecemos uma edição existente na Academia Real das Sciencias, que Innocencio não menciona: 2 tomos, Lisboa, 1762.

Suspiros, e saudades de Deus, Coimbra, 1830. Esta obra foi por alguns attribuida ao conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, mas o editor revindica-a para frei Antonio das Chagas.

O editor foi Joaquim Ignacio de Freitas, e funda a revindicação n'esta epigraphe da *Carta* CLXIV, tomo II: «*A uma Senhora: falla na separação do Seminario, mostra a pureza de intenção, com que n'isso obrara; e manda-lhe hum papel de suspiros espirituaes, que o mesmo veneravel Padre havia feito em verso.*»

E' decerto a mesma obra *Lagrimas e suspiros,* que Barbosa dizia existir no convento do Grillo, em manuscripto.

Conhecemos outra edição, não mencionada por Barbosa e Innocencio, da FUGIDA PARA O DESERTO E DESENGANO DO MUNDO. *Auctor o apostolico missionario, e grande penitente o veneravel padre Fr. Antonio das Chagas.* Sahiu em folheto, com uma vinheta representando o Calvario. Foi impresso na officina de Pedro Ferreira, impressor da augustissima rainha nossa senhora, Lisboa, no anno de 1752. Na bibliotheca da Academia existem duas edições d'esse mesmo anno, differentes nos caracteres typographicos. Encontram-se nos volumes de *Papeis varios* n.os 25 e 54.

Do *Desengano do mundo* possue o sr. visconde de Castilho (Julio) uma copia manuscripta.

Comprehende sete paginas, que foram visivelmente arrancadas a uma collecção de manuscriptos.

A lettra é do seclo XVII.

Mencionaremos uma obra de Antonio da Fonseca Soares, de que vimos um exemplar na Bibliotheca Nacional: é o *Panegyrico de D. Antonio Luiz de Menezes*, conde de Cantanhede, Lisboa, 1659, in-4.º, 10 pag.

Das poesias lyricas, especialmente *romances*, de frei Antonio das Chagas, no seculo Antonio da Fonseca Soares, existem varias copias.

Innocencio Francisco da Silva possuia uma, como declara no *Diccionario bibliographico*. O manuscripto tinha 557 paginas, e continha 59 *romances*. Por morte de Innocencio, não sabemos quem o arrematou no leilão da sua livraria.

Um dos manuscriptos sobre que trabalhamos pertence á bibliotheca municipal da cidade de Setubal. E' mais numeroso do que o que Innocencio possuia, pois contém 75 composições lyricas, entre as quaes varios *romances*. Abre pela elegia, em tercetos, que é a primeira das que o padre Godinho publicou. Depois seguem-se as composi-

ções inéditas, em numero de 75, como dissemos, com a designação=*De Antonio d'Affonseca Soares. Romances.*

Termina o manuscripto a pag. 165 com as endechas *Ao retrato de Fillis defunta*, incompletas.

Outro dos manuscriptos que tivemos presentes é propriedade do dr. Garcia Peres, de Setubal, que nol-o facultou.

Intitula-se *Obras poeticas do insigne poeta portuguez Antonio da Fonseca Soares, prodigio e admiração do nosso século. Tomo III.* E' um bello exemplar, encadernado, em perfeito estado de conservação. Comprehende 480 paginas, sendo as ultimas prehenchidas por um indice alphabetico. Nem menos de 147 romances se encontram n'este terceiro tomo; os dois primeiros estarão, desirmanados, em mão de outro possuidor ou possuidores.

O sr. visconde de Castilho (Julio) possue um volume manuscripto de poesias de Antonio da Fonseca Soares. O volume está encadernado, e annotado no fôrro da capa e na primeira pagina com estes dizeres:

Pertenceu á livraria de
Antonio Feliciano de Castilho
Es. C — Prat. 6 — N.º 11.

Pertence á livraria de Julio de Castilho.

Na primeira pagina:

«Frey Antonio das Chagas chamou-se no seculo *Antonio da Fonseca Soares*, e por isso é que todos os versos d'este volume são dados como do poeta Fonseca. Nasceu em 25 de junho de 1631, e morreu no Varatojo em 20 de outubro de 1682. Foi militar e grande galanteador; fez-se frade aos 32 annos, isto é em 1663. Depois de frade nunca mais escreveu senão obras mysticas. Logo, os versos d'este livro são todos anteriores a 1663. Beirollas — Olivaes — Dezembro de 1880.

Castilho, Julio.»

«Creio que este volume é da mão do poeta, visto como ha emendas da mesma lettra do resto.»

Esta ultima annotação é visivelmente posterior ás antecedentes.

No tomo IV da *Lisboa antiga*, obra a que o futuro terá de fazer grande justiça, repete o sr. visconde de Castilho (Julio) a suspeita de que o manuscripto seja autographo.

Temos muitas duvidas a este respeito, e teve-as tambem o illustre palleographo da Torre do Tombo, o sr. José Bastos, que comnosco examinou o manuscripto que o sr. visconde de Castilho presume autographo, confrontando-o com ou-

tras copias do seculo XVII e principalmente com a carta autographa que n'este volume damos, por favor do sr. José Maria Nepomuceno, e que, tendo sido escripta por frei Antonio das Chagas em 1664, é quasi contemporanea das suas poesias mundanas.

Como quer que seja, o manuscripto é duplamente valioso, não só por ser uma abundante collecção de poesias de Antonio da Fonseca Soares, — das mais abundantes que temos visto — como por ter feito parte da preciosa livraria do insigne escriptor Antonio Feliciano de Castilho.

Comprehende 496 paginas, a começar em paginas 5, havendo algumas soluções de continuidade por córte de folhas, e sendo as ultimas sete paginas de indice remissivo.

As emendas que por vezes interlinham os versos podem ter sido resultantes de conferencia posterior á copia, feitas com o proposito de corrigir as faltas de attenção ou de intelligencia do texto commettidas pelo copista.

Na Torre do Tombo (Sala M, codice n.º 1655), existe uma collecção de «*Romances de Antonio da Fonseca Soares, que agora se chama Fr. Antonio das Chagas.*»

Vem misturados com poesias de outros auctores.

Na livraria da Universidade de Coimbra existem, sob o n.º 384, trez tomos das obras inéditas de Antonio da Fonseca Soares.

O 1.º intitula-se:

Divinos e humanos versos de Fonseca.

Começa por *Varias cartas de Antonio da Fonseca Soares a varios amigos.* São 12 as cartas.

Seguem-se as composições poeticas, entre as quaes se encontram, salva a disposição, as mesmas do manuscripto da camara de Setubal. Mas a copia de Coimbra é mais numerosa, por isso que o sr. Augusto Mendes Simões de Castro, illustre bibliothecario da Universidade, nos falla em mais de *cem romances (muitos d'elles em hespanhol) os quaes occupam até fl. 258. Passadas algumas folhas em branco, seguem-se cartas em verso.*

O tomo 2.º falta.

O tomo 3.º comprehende o poema *Filis.*

Na bibliotheca nacional de Lisboa, secção dos manuscriptos, existem as seguintes obras de frei Antonio das Chagas:

4 — 6 — 23. — Obras poeticas. Comprehendem varios *romances*, entre os quaes se encontram os do manuscripto da camara de Setubal.

T — 1 — 74.—(De pag. 119 a 127). *Contrição de hum peccador arrependido a Christo crucificado.* Cincoenta oitavas, a primeira das quaes começa:

Se chorando nasci, na morte canto
como cysne do Lima, que não fôra, etc.

Foram publicadas, como noticía Innocencio, em Lisboa no anno de 1685.

M — 3 — 25. — Poesias e o poema da «Filis», estando o poema incompleto. As poesias começam pela elegia que o padre Godinho publica em primeiro logar.

S — 4 — 71. — Filis e Demofonte, poema heroico em 10 cantos.

L — 3 — *56. — Collecção das suas obras de baixo nome que tinha no seculo, Antonio da Fonseca Soares.* Comprehende 110 *romances,* e mais obras. N'este volume se encontra, completa, a pag. 53, a poesia *Idolo posto em sombras*, com duas variantes, pela qual termina o manuscripto da camara de Setubal. Comprehende tambem cartas em prosa e verso (incluindo as do 1.º tomo do manuscripto da Universidade), e sonetos.

T — 4 — 96. — Apontados sobre materias predicaveis é o titulo do catalogo. O manuscripto tem a seguinte designação: «*Apontados do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas prégador missionario apostolico e instituidor d'este seminario de Santo Antonio do Varatojo. O qual falleceu n'este mesmo seminario aos 20 de outubro de 1682.*» São apontamentos sobre alguns textos latinos, principalmente.

S — 5 — 83. — Sermões e notados. Apontamen-

tos sobre textos latinos, especialmente. Não sabemos se realmente lhe pertencem ou ao seu homonymo, religioso de S. João de Deus, prégador do arcebispado de Lisboa, do qual tambem a Bibliotheca Nacional possue o manuscripto *S—2—79*, *Postillas theologicas.*

Na *Collecção Pombalina*, ultimamente adquirida pela Bibliotheca Nacional, existem os seguintes autographos de frei Antonio das Chagas:

—Uma oração (24 annos depois de professo).

— Carta de Setubal (11 de junho de 1682). Dá conta de estar comprada uma quinta e tomada a posse, etc.

—Carta dando conselhos religiosos (sem data).

—Carta de Setubal (15 de junho de 1682). Dá conta de se terem começado a abrir os alicerces.

—Carta do Varatojo (29 de novembro de 1681). Agradece uma carta e as *diligencias da quinta.*

—Carta sobre negocios da communidade.

—Carta de Setubal (30 de junho de 1682). Dá conta da funcção da primeira pedra, etc. (Esta carta é a que publicamos na integra a pag. 111).

—Carta sobre os negocios das casas de um parente em Evora. (De casa (?) 28 de julho).

—Carta em que responde a um appêllo, dizendo que vae para fóra no dia seguinte, por doença, etc. (sem data).

Ainda na *Collecção Pombalina* existe um codice (n.º 132) que se intitula *Colleçam de varias poesias antigas e modernas por differentes auctores que ajuntou a curiosidade de José Freire de Monterroyo Mascarenhas* (Tomo segundo, Lisboa, anno de 1726) e que inclue os seguintes romances (copias) de Antonio da Fonseca Soares:

— Uma collecção de 35 romances;
— Outra collecção de 22;
— Quatro romances avulsos.

O padre Godinho diz no prologo dos *Sermoens genuinos e praticas espirituaes* (3.º vol.): «Muitos sermoens do V. Fr. Antonio viérão a meu poder, mas que não tinhão mais que os titulos, e apontamentos para elles (que a falta do tempo, e ainda de genio, lhe não deixava escrever por extenso n'estes ultimos annos».)

E' pois natural que appareçam varios outros cadernos de apontamentos e postillas, como os que existem na Bibliotheca Nacional, e como os que chegaram ás mãos do padre Godinho.

Disse-me um frade no Varatojo que havia no convento algumas homilias manuscriptas.

Frei Antonio das Chagas missionou copiosamente. A uma religiosa do mosteiro da Madre de Deus de Lisboa informou elle uma vez: «Tenho

para prégar cem sermões na côrte, e pelos caminhos os formei todos.»

Na Bibliotheca de Evora (como se vê do *Catalogo dos manuscriptos da bibliotheca publica eborense*, tomo II, pag. 68, 110, 185, 637) existem, além do poema *Filis*, de que damos noticia em separado, as seguintes obras, manuscriptas, de frei Antonio das Chagas:

Poesias.

Cartas:

1.ª a D. Francisco de Souza; principia:

Tambem, snr. D. Francisco.

2.ª A um amigo sobre as vaidades do mundo:

Tão desacordado, amigo Fabio.

3.ª A frei Gaspar de Moscoso:

Tambem a esta distancia infinita.

Conceitos de Frei Antonio das Chagas.

Camillo Castello Branco, no prefacio dos *Ratos da Inquisição*, dizia possuir um manuscripto em dez tomos, intitulado — *Cancioneiro dos seculos* XVII *e* XVIII.

Comprehendia algumas poesias inéditas de Antonio da Fonseca Soares, como averiguei pela propria informação pessoal d'aquelle illustre escriptor.

No seculo XVII era costume galante fazer circular de mão em mão as poesias inéditas; os auctores pareciam lisonjear-se mais com essa propaganda, para que o sexo feminino muito contribuia, do que com a vulgarisação pela imprensa.

A respeito de Gongora, que tem com Antonio da Fonseca Soares alguns pontos de contacto, diz Gonzalez Llana no prologo das obras do poeta cordovez, Madrid, 1868: *No consintió Góngora que sus composiciones se imprimiesen durante su vida, por más que fuesen sumamente conocidas y celebradas por las muchas copias manuscriptas que de ellas circulaban, especialmente en la córte.»*

A phrase *mandar um papel* significava mandar uma producção litteraria, ordinariamente versos, manuscriptos.

Nas cartas de frei Antonio das Chagas (carta CLXIV, tom. III) vê-se que, escrevendo a uma senhora, mandava-lhe *um papel* de *suspiros espirituaes*.

Nas *Cartas* de D. Francisco Manoel de Mello encontra-se uma, datada da Torre,[1] em 1646, na qual diz a um parente: «Eu pouco a pouco vou perdendo o gosto de tudo. E já com este pessimo exercicio, tenho guerras apregoadas, e *mando mais raramente hum papel* do que mandára hum Tosão

[1] A Torre Velha, onde Mello esteve preso, ficava de fronte de S. José de Ribamar.

10

se fôra Duque de Borgonha. Até com as escripturas de casa me vou muito molle molle.»

N'outra carta, tambem datada da Torre, em 1647, sentenceia D. Francisco Manoel n'um certamen poetico em castelhano sobre os amores de Lauso e Amarillis, referindo-se certamente a manuscriptos que lhe haviam sido enviados.

Barbosa, na *Bibliotheca lusitana*, diz, a respeito de Antonio da Fonseca Soares, o seguinte:

«No estado de secular exercitou com tanta suavidade, e elegancia a poesia heroica, e lyrica que foi venerado por famoso professor d'esta arte compondo uma copiosa multidão de versos a diversos assumptos dos quaes sahiram impressos muitos no tomo 5.º da *Fenis renascida.* Lisboa, por Antonio Pedroso Galvão 1728. in 8.º desde pag. 72 até 136.»

As composições de Antonio da Fonseca Soares, n'este tomo da *Fenis renascida,* são: Uma canção em hespanhol aos annos da infanta D. Catharina de Bragança, depois rainha de Inglaterra; um epithalamio, tambem em hespanhol, ao casamento de D. Francisco de Souza com D. Helena de Portugal; e 33 sonetos, que se seguem ao epithalamio, sendo alguns em portuguez.

Um dos sonetos canta o *loureiro* de João de Saldanha de Sousa. Sobre este assumpto compoz Fonseca um *romance* inédito que principia:

Senhora Daphne, ha mil dias.

Innocencio menciona, como sendo de Antonio da Fonseca, as seguintes composições que se encontram no tomo IV da *Fenis*: romance a D. Luiz Coutinho *Pedindo-lhe livre certo soldado auxiliar de ir á guerra;* romance a D. Diogo Gomes de Figueiredo, mestre de campo na Beira; romance a Gonçalo Vasques da Cunha, *Relatando a jornada, que fez o author de Lisboa para Setuval.*

Finalmente, menciona Innocencio as composições publicadas no *Postilhão de Apollo*, tomo I, pag. 281; tomo II, pag. 211: *Applauso da gloriosa victoria das linhas d'Elvas*, *etc.* (que Barbosa cita como manuscripto), e *Mourão restaurado em 29 de outubro de 1657* (que sahiu em folheto, 4.°, 12 pag. Lisboa, 1658; exemplar da Bibliotheca Nacional).

D'estas duas composições dá excerptos, como já dissemos, Costa e Silva.

J. A. de Almeida, no seu *Diccionario abreviado de chorographia, topographia, e archeologia das cidades, villas e aldeas de Portugal* escreve no artigo

Vidigueira: «Emquanto secular foi poeta, como se era no seu tempo; versejou em portuguez e castelhano, e correm ainda manuscriptas algumas das suas poesias; cita-se, entre outras, um poema que tem por titulo: *Jardim de Venus, prados de amor, em campo de elegancia.*»

Cunha Rivara, na ephemeride publicada a pag. 53 do volume I da *Revista universal lisbonense*, dizia possuir uma collecção de poesias de Antonio da Fonseca Soares com o titulo de *Jardim de Venus, prados de amor em campos de elegancia.*

Seria este titulo escolhido pelo poeta para a publicação das suas poesias colleccionadas em ordem a dal-as ao prelo, ou seria um titulo arbitrario imposto por algum colleccionador, certamente contemporaneo do poeta?

Não é facil averiguar.

Em todo caso apenas alcançamos as duas noticias, que deixamos consignadas, da existencia d'este titulo collectivo dado ás poesias de Antonio da Fonseca Soares.

A grande vulgarisação que tiveram as obras de Antonio da Fonseca Soares ou frei Antonio das Chagas, tanto impressas como inéditas, mostra claramente quanto o seu fecundo engenho foi apreciado dos contemporaneos.[1]

[1] O padre Antonio dos Reis, no seu *Enthusiasmus poeticus,*

Accresce a circumstancia apontada por Barbosa de que Antonio da Fonseca, depois da conversão á vida monastica, offerecia a todas as pessoas que lhe dessem, para as queimar, copias das suas poesias profanas, o jejuar ou disciplinar-se um anno por tenção d'essas pessoas.

Houve porem quem resistisse ao piedoso offerecimento, e ainda bem que assim foi, pois que d'este modo podêmos ainda hoje ler as composições mundanas do frade do Varatojo.

O bispo do Grão-Pará conta nas suas *Memorias*, referindo-se a frei Antonio das Chagas:

«Depois de religioso, sabendo que no mosteiro de S. Bento da Saude vivia o seu amigo Jeronymo Vahia, e que havia copias dos seus versos entre aquelles cujos olhos se deviam tão sómente occupar em versos de David no côro, quiz rasgal-as[1] por terem as taes coplas muitas profanidades. Não obteve despacho; gracejaram com elle e metteram-n'o á bulha.»

Como vimos, Barbosa cita um poema heroico de

inserto no *Corpus illustrium poetarum lusitanorum* (tomo VIII) refere-se a pag. 22 a frei Antonio das Chagas, e diz na respectivá nota: «Fr. Antonius das Chagas, Ordinis Minorum, Seminarii de Varatojo Fundator, cujus carmina (sacra scilicet; nam prophana, eo Authore, non memorámus) *omnium teruntur manibus.*»

[1] Por manifesto erro typographico, o texto diz — regal-as.

Antonio da Fonseca Soares, intitulado *Filis e Demofonte.*

Innocencio possuia uma copia d'este poema, que o auctor deixou inédito e incompleto. Deve ter sido vendida, não sabemos a quem, no leilão da sua livraria. O mesmo bibliophilo menciona outra copia existente na bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Esta copia é realmente, como Innocencio descreve, um primor de calligraphia. Suppômos ter pertencido á livraria do marquez de Angeja, cujo brazão foi collado na parte interior da capa.

Tanto o frontispicio como o principio de cada canto são enlabyrintados de arabescos phantasiosamente desenhados á penna.

O poema encerra dez cantos, estando o oitavo e o ultimo incompletos.

Seguem-se mais duas oitavas com a seguinte designação = *Nos originaes de Antonio da Fonseca Soares se achão as duas oitavas seguintes.* = Essas duas oitavas teem a numeração de 59 e 60.

O primeiro canto do poema intitula-se *El naufragio;* o segundo, *Las ruynas;* o terceiro, *Los affectos;* o quarto, *Las selvas;* o quinto, *Los zelos;* o sexto, *La soledad;* o setimo, *Las lagrimas;* o oitavo, que apenas tem cinco oitavas, *Las armas;* o nono, *Los extremos;* o decimo, *Los suspiros,* ficou interrompido na oitava 15.ª.

Na Bibliotheca Nacional de Lisboa existe uma copia, que já mencionamos, do poema de frei Antonio das Chagas. (Ms. *S — 4 — 71*.)

No rosto do volume lê-se o seguinte:

Filis y Demofonte
autor
o veneravel Fr. Antonio das Chagas.
Iste liber est bibliothecæ monasterii lisbonensis ordinis eremitarum S. Pauli Primi Eremitæ.

Na Bibliotheca de Evora, secção dos manuscriptos, existe uma copia do poema *Filis*, tendo no fim a seguinte advertencia: «*Lecciones varias deste poema, ó cotejo de varios originales, que servieron a su emmienda.*»

Na Torre do Tombo (Sala M, codice 405) existe uma bella copia da *Filis,* manuscripta e encadernada, com esta declaração: »Este livro he do senhor Mauriso *(sic)* Ferreira da Costa e todo aquelle que furtar será com as mãos cortadas e britadas.» Tem 258 paginas.

O distincto bibliophilo sr. José Maria Nepomuceno possue uma copia da *Filis*, que teve a amabilidade de me facultar. *Filis e Demophonte, poema heroyco. Escrevio el cappitan Antonio da Fonseca Soares.* Tem annexas outras composições poeticas do seculo XVII. Propriamente o poema abrange de pag. 167 a pag. 425.

J. H. da Cunha Rivára, como se vê da ephemeride publicada a pag. 53 do volume I da *Revista universal lisbonense,* possuia uma copia do poema de Antonio da Fonseca Soares com o titulo de *Demophon y Filis.* Será talvez o mesmo exemplar que hoje pertence á Biliotheca de Evora.

Na livraria da Universidade o tomo 3.º das obras inéditas de Frei Antonio das Chagas comprehende este poema, com o seguinte titulo — *La Filis, poema tragico de Antonio da Fonseca Soares, hoje conhecido por Frei Antonio das Chagas, tomo unico e das suas obras 3.º.*

Entre as copias de Coimbra, Evora, Academia Real das Sciencias, Bibliotheca Nacional de Lisboa, Torre do Tombo e a que possue o sr. Nepomuceno notam-se as seguintes differenças quanto ao numero das oitavas:

Coimbra	Bibliotheca Nacional	Academia	Bibliotheca de Evora	Torre do Tombo	Nepomuceno
Canto 1.º — 86	=	=	=	63	86
» 2.º — 72	=	=	=	=	=
» 3.º — 103	=	=	=	=	=
» 4.º — 123	91	90	92	92	92
» 5.º — 91	123	123	123	122	123
» 6.º — 54	=	=	=	=	=
» 7.º — 86	87	=	=	84	87
» 8.º — 5	=	=	=	=	=
» 9.º — 99	=	100	99	99	99
» 10.º — 15	=	=	=	=	=

Na copia de Coimbra lê-se em seguida á oitava 15.ª do canto 10.º esta annotação:

«No ay mas deste Poema, que el Autor dexó imperfecto, si yá nó és que se perdieron las otavas deste decimo, y del outavo canto: y nada mas le falta para en su genero ser una de las mas perfectas obras, y digna de su Autor.»

A acção do poema é a navegação de Demofonte, que recolhe do cêrco de Troya, e que, voluvel nos seus amores, esquece Filis por Florisbe. Filis suicida-se como Dido, e converte-se mythologicamente n'uma arvore cheia de fructos, de folhas e de flôres.

Luiz Antonio Verney, no seu *Verdadeiro methodo de estudar*, estende a Antonio da Fonseca Soares, como poeta epico, a critica acerba a que não poupou o proprio Camões. Reputa o poema *Filis* uma embrulhada, sem unidade de acção e sem enredo. Chega o desamor com que Verney trata o poema até o ponto de dizer: «Onde torno a concluir, que do poema epico, o Chagas não sabia nada: e que pode V. P. aconselhar ao nosso *** que não tenha difficuldade, de emprestar o tal poema; porque se o perder, perde pouco.»

A verdade é que o poema, sobre estar incompleto, e portanto não retocado por mão do auctor, accusa os defeitos caracteristicos do periodo litterario que o produziu.

Os defeitos de linguagem, principalmente os jogos de palavras que tornavam a expressão obscura, quasi impenetravel, eram contagio do tempo. O proprio Verney grita contra elle.

Os defeitos de contextura nas linhas architectonicas do poema obedecem ainda, até certo ponto, á influencia da epocha, que gerou outros poemas não mais felizes na urdidura fundamental.

Mas Verney, que era aliás um erudito reformador, não primava em senso poetico.

Quando desce a discutir, phrase por phrase, a primeira oitava da *Filis*, fica inferior a si mesmo. Acha que as *dulces tiranias de amor* e outras locuções empregadas pelo poeta *jogam os murros*. Textual. Este seu horror ás antitheses leval-o-ia, se ainda hoje vivesse, a refugar toda a poesia moderna, desde o *gosto amargo* de Garrett até nossos dias.

Os criticos que cahiram a fundo sobre Verney em numerosos folhetos, sahiram em defeza de Antonio da Fonseca Soares e ripostaram golpe por golpe.

Sem embargo, o auctor do *Verdadeiro methodo d'estudar* deu a Antonio da Fonseca Soares a honra de o dissecar, hombro a hombro com Camões, sobre a mesa anatomica da sua critica. E explica que o fez pela imposição da opinião publica: «Estas reflexões que faço a V. P. sobre o

Chagas, posso fazer em outras obras; não só de auctores das duzias, mais ainda d'aquelles que se acham joeirados, na *Fenix renascida;* e em outras collecções de poemas. *Mas escolhi este auctor, porque é mui conhecido, e louvado, e procurado de muitos, etc.*»

Quanto aos *romances* de Antonio da Fonseca Soares, considera-os «menos maus.»

A copia da Academia, unica que podémos consultar, principia assim:

Yo que en la flor de mis primeros años
canté de Amor las dulces tiranias,
y en los echizos de agradables daños
menti las horas, engañé los dias;
ahora en numerosos desengaños,
si llantos son las consonancias mias,
de la Deidad, que fué de Grecia espanto,
canto el amor, y la tragedia canto.

Musa, que altamente amaneciste,
candida en las auroras de mi oriente,
y al alma tantas vezes me infundiste
tu divino furor, tu affecto ardiente:
si dignos son de tu concento triste
numeros tiernos de una voz doliente,
mi ardor renueva, harás que en dulce rima
cante el dolor, la consonancia gima.

Tal é a invocação.

O poema deve ter sido composto antes de 1653, se não é errada a interpretação que damos á dedi-

catoria, à qual principia na oitava 3.ª e vai até á 6.ª

A dedicatoria diz, corrigidos alguns lapsos:

E vós, joven ilustre, cujas prendas
tanto ya lo entendido, y generoso
se compiten, que en victimas, y offrendas
postrado Apollo os vé, Marte embidioso,
mientras amor de sus doradas vendas
al ocio cortesano, y decoroso
os combida; deixad que en vuestro abrigo
Mecenas halle, el que os venera amigo.

Presto le espiró a Lusitania toda,
que digno assumpto de maior Homero,
mostreis que sois de aquella sangre goda
mas en valor, que en bienes heredero;
y si merito tanto se acomoda
en los caudales de la suerte, espero
ver de vuestra fortuna en los matizes
discreto el bien, los meritos felices.

En quanto pues, en roxo mar no baña
esse campo Andalus de horrores lleno
vuestra espada que es yá, sinó guadaña,
rayo de quien la fama solo es trueno;
en quanto no estremece la campaña
mordiendo ayroso, el argentado freno
esse vivo Aquilon, que en bravo ensayo
cometa anuncia lo que hará aquelle rayo.

Escuchad, no las armas, y furores
de Marte, que a la patria heroico intento
cantar, si no los tragicos amores
que expongo en dulce llanto, en triste accento;
harei si con espiritos mayores
me infundis vuestro agrado, y vuestro aliento,
que dexe el fuego, que mi pecho inflama
mi ruda lira, trompa de la fama,

Este joven illustre e guerreiro deve ser o principe D. Theodosio, que morreu em maio de 1653, tendo de idade pouco mais de dezenove annos.

Antonio da Fonseca Soares que, como notícía Barbosa, offereceu muitas das suas obras manuscriptas á rainha D. Luiza de Gusmão, quereria offerecer o poema ao filho, herdeiro do throno.

Antonio da Fonseca devia andar perto dos vinte annos quando trabalhava o poema.

Vê-se pela primeira oitava que principiára a amar e a trovar muito moço, na flôr dos primeiros annos, madrugando-lhe por isso os desenganos, e que, cansado de uma fecundidade lyrica que se desentranhou em numerosos *romances*, se propunha investir com o genero heroico á semelhança do que fizera Luiz de Gongora na *Fabula de Polifemo y Galetea*, para assim dar largas ao *culteranismo*, denominação inventada em Hespanha por Paton para designar a chamada escola culta.

Parece a Ticknor que Luiz de Gongora se lançaria no *culteranismo*, que requintou, para escalar na côrte a proeminencia a que facilmente subiam os poetas conceitistas.

O exemplo de Gongora que, graças a essa innovação litteraria, obteve prebendas e honras, depois de muitos annos de indifferença desdenhosa por parte dos poderes publicos, influiria decerto no animo de Antonio da Fonseca Soares para se pro-

pôr levantar com uma das mãos o reposteiro da ante-camara do herdeiro da corôa, segurando com a outra um poema heroico e culto.

Elle ambicionaria por ventura o epitheto de Gongora portuguez.

A dedicatoria parece-nos haver sido escripta em 1651, quando o principe D. Theodosio sahira furtivamente para o Alemtejo, a despeito da vontade paterna, e o exercito punha n'elle os olhos cheios de esperança.

> En quanto pues, en roxo mar no baña
> esse campo Andaluz de horrores lleno
> vuestra espada..

Vê-se que Fonseca pertencia ao *partido do principe.*

Na morte de D. Theodosio compoz um soneto em que dá largas ao sentimento que essa catastrophe lhe causou. E' talvez um dos seus melhores sonetos; e dos menos eivados de gongorismo:

> Ignorada razão, fatal mysterio,
> que de um golpe acabasse a Parca impia,
> esse que foi da Lusa monarchia,
> astro, e cometa do dominio Iberio!
>
> D'esse, que encheu comsigo este hemispherio,
> tumulo é hoje pouca terra fria,
> e cabe assim, quem mal em si cabia,
> por ser-lhe estreito o mais augusto imperio!

Acabou, ensinando na altivesa
do que foi, que acabou, porque declina
todo o ser, que os fins toca da grandesa.

Pois si o ser grande a estragos se destina,
que thronos busca a humana naturesa,
si é a grandeza achaque da ruina?

Não obstante Antonio da Fonseca Soares querer altear-se n'este poema a uma concepção litteraria superior ás mundanidades da galanteria amorosa, a inspiração attraiçôa-o quando o arrasta insensivelmente para o thema dos seus primeiros cantares e dos seus habitos predilectos.

Assim, no canto 3.°, todas as ousadias do amor, a que estava habituado, surgem a seus olhos, com uma grande fascinação exaltada:

Es el amor una ancia, es un deseo
con que unirse a su objecto intenta el alma,
sin que impossibles del mas alto empleo
dexen al gusto de su affecto en calma.
No es culpa la esperança á lo que creo,
antes pide á los meritos la palma,
que quien d'amor el logro no desea,
cortés adula, tibio galantea.

Deseo es el amor, mas sus affectos
son tan corteses al objecto amado,
que hastá el dolor del alma en los conceptos
dobla en lo apetecido lo adorado.
Pues tan ancioso adora los objectos,
que son incendio dulce a su cuidado,
que en los extremos que sediento crece
el desear veneracion parece.

Mucho ofende al decoro, y mucho ignora
de la razon quien quiere que se crea,
que decoroso una hermosura adora,
si solo a sus ideas galantea.
Agravio és procurar sinó arde, y llora,
que lo que és floxedad merito sea,
pues equivoca amando lo que piença,
la fé en agravio, en merito la ofensa.

Poco el amor un coraçon inflama
quando tan poco lo que adora estima,
que dexa los cariños de quien ama
por las tibiezas que en su error anima.
Insensibilidad no amor se llama
amar sin gusto, ó sin passion que exprima
lo que és querer: pues nó és de extremos sabios
no amar fabores, ni sentir agravios.

No pretender, no desear fabores
de una hermosura, és atrevida ofensa,
pues sus glorias desprecia superiores,
quien ni en quererlas, ni en lograrlas piensa.
Aun las deidades sabe hazer mayores,
quien ruega, y pide lo que amor dispensa,
que és fineza, no agravio del desvelo
pedir a una deidad, rogar a un ciélo.

Aqui está bem patente o temperamento ardente de Antonio da Fonseca Soares, a sua febre de gosos no amor; aquelle que veio a merecer a alcunha de *Capitão Bonina* deixa descuidosamente cahir a capa, e apparece D. João á porta das alcovas perfumadas.

Elle não conhece nada mais desatinado do que a fraqueza e a cobardia no amor. Desejos que se

librem nas azas de uma candura platonica parecem-lhe outros tantos aggravos feitos á belleza das mulheres. O sexo feminino é, no seu entender, como a fructa: precisa ser apolegado para se conhecer se é bom.

> Que desculpa tendrá quien assegura
> que mira, y no deseja una hermosura?

Nenhuma. De mais a mais o goso da belleza tem mysterios de doçura que o tornam tanto mais apetecido quanto mais se logra:

> No se acaba el deseo, antes pretende
> ser mas quando possebe una ventura,
> pues si antes por gozarla el alma enciende,
> despues por mas gozarla el ancia apura.
> Ve mejor lo que adora, y como entiende
> quanto es le bien, su duracion procura,
> y en perpetuo anelar vive muriendo
> siempre logrando, y siempre apeticiendo.

Referindo-se á *Filis*, Cunha Rivara diz na já citada ephemeride da *Revista universal lisbonense* —«que é impossivel lêr trez paginas a fio.»

Este conceito pessimista é decerto exaggerado, porque o poema não se nos affigura melhor nem peior do que muitas outras composições poeticas que varios gongoristas de Portugal e Hespanha esbagoavam por esse tempo em lingua castelhana e oitava-rima.

FIM

RECTIFICAÇÃO

O documento que nos forneceu o sr. Nepomuceno (pag. 116) não é inedito. Encontramol-o, se bem que com salientes divergencias de redacção, a pag. 185 do II tomo da *Historia do Varatojo*. Pouco importa isso para o caso, visto como toda a noticia que explanamos, de não ter chegado nunca a cumprir-se o testamento de D. José Maria de Evora na disposição respeitante ao mausoleo de frei Antonio das Chagas, se acha inteiramente de accordo com a seguinte declaração do author da *Història do Varatojo*: «Se bem que se não chegou a effeituar esta interessante obra do Mausoleo.»